

BABILÔNIA

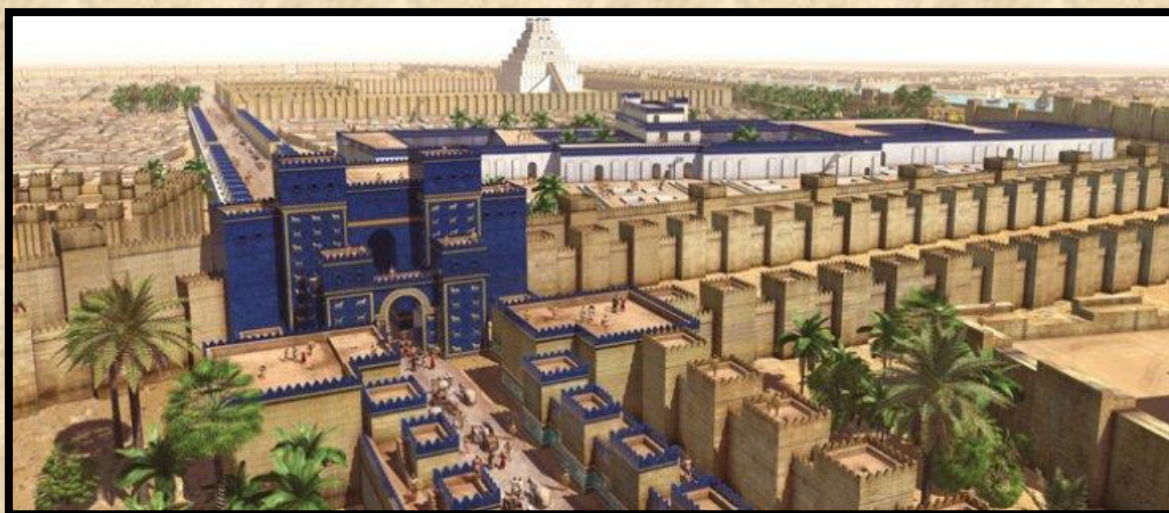
Texto original: **Wikipédia, a enciclopédia livre.**

Janeiro/2023

Ampliação e ilustrações: **Iran Carlos Stalliviere Corrêa-IG/UFRGS**



Localização das principais cidades da região da Babilônia do 2.º milênio a.C.
(Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/a/a6/Basse_Mesopotamie_1mil.png/302px-Basse_Mesopotamie_1mil.png)



A Cidade da Babilônia

(Fonte: https://apaixonadosporhistoria.com.br/img/artigocapa/artigocapa_73_474527092.jpg)

Babilônia (em aramaico: **בבל**; romaniz.: Babel; em hebraico: **בָּבֶל**; Bavel; em árabe: **بابل**; Bābil; em acádio: Bāb-ili(m); em sumério: KÁ.DINGIR.RA) foi a cidade central da civilização babilônica, na Mesopotâmia, situada nas margens do rio Eufrates. As suas ruínas encontram-se a norte do centro da cidade atual de Hila, capital da província de Babil, no Iraque, situada 100 km ao sul de Bagdá. Em pelo menos duas ocasiões, a primeira no século XVIII a.C. e a segunda no século VI a.C., foi capital da principal potência da Mesopotâmia e, nesses períodos, é possível que tenha sido a maior cidade do mundo, na qual existiam alguns dos monumentos mais impressionantes da Antiguidade e que ocupava uma área de cerca de 10 km² defendida por várias cercas de imponentes muralhas. O seu sítio arqueológico foi classificado pela UNESCO como Património Mundial em 2019.



Cidade da Babilônia

(Fonte: <https://static.wikia.nocookie.net/filhos-do-eden/images/0/0f/Babilonia.jpg/revision/latest?cb=20201006190331&path-prefix=pt-br>)

Localizada numa região fértil e num entroncamento de importantes rotas comerciais, **Babilônia** tornou-se um destacado centro econômico e cultural, desenvolvendo uma civilização complexa, sofisticada e cosmopolita, documentada por muitos registos arqueológicos que atestam o cultivo da educação, do comércio, da ciência, de diversas técnicas e da arte, florescendo num vasto conjunto urbanístico cortado por canais e rico

em monumentos, templos e edificações imponentes. A sua sociedade era estratificada, dominada por uma nobreza e por altos funcionários do governo, embora pouco se saiba sobre a sua organização social. Foi também um ativo centro de culto, e a religião, de caráter politeísta, liderada por um clero rico e poderoso, exercia grande influência em vários aspetos da vida pública e privada e nas atividades de Estado.

É provável que no século XXVI a.C. já existisse um povoado no local e no século XXIII ou XXII a.C. era uma cidade menor do **Império Acádio**. No século XXII a.C. foi um centro administrativo secundário do Império de Ur. No início do século XIX a.C., tornou-se independente sob uma dinastia **amorita**, convertendo-se na capital do que é conhecido como **Império Paleobabilônico**, a maior potência do seu tempo na Mesopotâmia, cujos territórios chegaram a incluir toda a Baixa Mesopotâmia e o vale do Eufrates até Mari.



Hamurábi

(Fonte: <https://nationalgeographic.pt/images/edicoesespeciais/GrandesPersonagens/Hamurabi/h1.jpg>)

A cidade atingiu então o seu primeiro apogeu, que culminou com o reinado de **Hamurábi** na primeira metade do século XVIII a.C.. Contudo, declinou a partir da segunda metade do século XVII a.C., devido a vários fatores internos e externos, e em 1595 a.C. foi saqueada pelos **hititas**. Seguiu-se uma fase particularmente mal conhecida, durante a qual **Babilônia** foi governada por uma dinastia **cassita**, que se manteria no

poder até ao século XII a.C. Seguiu-se um breve período em que grande parte do reino cassita esteve sob o domínio do **Império Elamita**, sucedendo-se um período em que voltou a ser a capital de uma grande potência regional sob a segunda dinastia de **Isim**, entre o último quartel do século XII a.C. e c. 1025 a.C., quando se iniciou um período de grande instabilidade política e militar, que durou até à conquista pelos assírios no final do século VIII a.C. Sob o domínio assírio, **Babilônia** retomou alguma da sua importância no século seguinte e tornou-se novamente capital dum reino independente sob **Nabopolassar**, originalmente governador assírio, que, no final da década de 620 a.C., derrubou o Império Assírio. A cidade conheceu então um novo apogeu, principalmente durante o reinado de **Nabucodonosor II** (r. 605–562 a.C.), filho de **Nabopolassar**. Embora tenha perdido alguma importância durante os reinados que se seguiram, o império babilônico só cairia com a conquista da sua capital em 539 a.C. pelo **Império Aqueménida**.



Nabopolassar

(Fonte: Nabopolassar <https://static.wikia.nocookie.net/totalwar-ar/images/7/77/Nabopolassar.jpg/revision/latest?cb=20210809032618>)



Nabucodonosor II

(Fonte Nabucodonosor II: https://www.buscabiografias.com/img/people/Nabucodonosor_II.jpg)

Não obstante ter perdido muito do seu protagonismo anterior, **Babilônia** foi uma cidade importante no **Império Aqueménida** e durante o curto reinado de Alexandre na segunda metade do século IV a.C., que lá

viveu durante alguns meses e patrocinou a restauração de monumentos e canais. Após a morte do imperador macedônio, a cidade foi duramente afetada pelas **Guerras dos Diádicos**. Durante o **Império Selêucida**, perdeu o seu estatuto de capital e helenizou-se. Embora mantendo alguma importância regional, foi declinando lentamente e, durante o **Império Parta**, em meados do século III a.C., começou a despovoar-se. Embora os seus grandes templos continuassem ativos e ainda fosse um centro de comércio no início do século I d.C., o local então já estava em ruínas. O templo principal ainda funcionava no início século III, mas desconhece-se quando a região foi completamente abandonada, o que sucedeu durante o **Império Sassânida**. No início do período islâmico, no século VII, não era mais do que uma pequena aldeia no meio de extensas ruínas.

Devido possivelmente à sua grande importância e esplendor numa região onde floresceram algumas das maiores civilizações da Antiguidade, às menções na **Bíblia** e ao seu desaparecimento relativamente precoce, **Babilônia** tornou-se gradualmente um mito, ainda durante o período clássico, que perdurou e ganhou contornos cada vez mais imaginários durante a Idade Média. Para a propagação dessa lenda, pode ter contribuído o fato de, até ao século XIX, **Babilônia** só ser conhecida através das menções bíblicas, nas quais a cidade aparece como símbolo do pecado e decadência, e por relatos de autores greco-romanos, os quais, ou nunca a visitaram ou só o fizeram quando dela mais não restavam nada além do que ruínas. Apesar da sua localização nunca ter sido esquecida, só no início do século XX é que se realizaram as primeiras escavações importantes, sob a direção do arqueólogo alemão **Robert Koldewey**, que desenterrou os principais monumentos.

A importante documentação arqueológica e epigráfica descoberta na cidade, completada por informações provenientes de outros sítios arqueológicos antigos que tiveram relações com **Babilônia**, permitiram

formar uma representação mais precisa da urbe, para além dos mitos. Tal não obsta a que haja grandes lacunas no conhecimento que se tem daquele que é um dos sítios arqueológicos mais importantes do Antigo Próximo Oriente, lacunas essas que persistem devido aos trabalhos arqueológicos estarem parados por causa da instabilidade política no Iraque desde 1990.



Robert Koldewey

(Fonte: <https://earlychurchhistory.org/wp-content/uploads/2016/01/Robert-Koldewey.jpg>)

Fases da história da Babilônia

Babilônia aparece tardiamente na história da Mesopotâmia antiga, em comparação com outras grandes cidades dessa civilização, como Quis, Uruque, Ur, Nipur ou Nínive. Por isso, a sua rápida ascensão é ainda mais notável. A cidade é pouco mencionada na documentação da segunda metade do 2.º milénio a.C., mas cresceu rapidamente sob o impulso de uma dinastia amorita que obteve vários êxitos militares importantes, durante o período dito "**paleobabilônico**" (2004–1595 a.C.).

Durante o período seguinte, dito "**médio-babilônico**" (1595–fim do século XI a.C.), **Babilônia** afirmou-se de forma permanente como capital da Mesopotâmia meridional, tornando-se um grande centro religioso além de um centro político, sob a dinastia **cassita** e a segunda dinastia de **Isim** (1154–1027 a.C.).

O início do 1.º milênio a.C. foi marcado por períodos turbulentos, que se prolongaram nas guerras provocadas pelas tentativas de controle da região da **Babilônia** pelos reis assírios. Estes foram finalmente derrotados pelos reis que fundaram o poderoso império dito **neobabilônico** (626–539 a.C.) e que empreenderam as obras que tornaram **Babilônia** a cidade mais prestigiada do seu tempo. Depois da queda deste império, sucederam-se várias dinastias estrangeiras; apesar da cidade não ser a capital, ela conservou uma importância considerável até aos últimos séculos antes de Cristo, durante as fases mais tardias da história babilônica, antes de ser abandonada nos primeiros séculos da nossa era.

Origens da cidade e do seu nome

A menção mais antiga ao que pode ter sido o nome da cidade da **Babilônia** encontra-se numa tábua datada por critérios paleográficos de c. 2 500 a.C. (Período Dinástico Arcaico). Esse texto menciona uma cidade chamada **BAR.KI.BAR** cujo soberano (**Ensí**) comemora a construção do templo do deus **AMAR.UTU**, que em períodos ulteriores é a forma suméria do nome de **Marduque**, a divindade tutelar da **Babilônia**, o que aparentemente dá força à hipótese do texto se referir aquela cidade.



Marduque – Deus da Babilônia

(Fonte: <https://tenhosedede.com.br/wp-content/uploads/2021/03/tenhosedede.com.br-idolatria-marduque-bel-word-image.jpeg>)

O nome "**Babilônia**" provém do grego, que por sua vez provém do acádio **bāb-ili(m)**, que significa "**porta** (bābu(m)) do deus (ili(m))", que se encontra também nos textos sob a forma **bāb-ilāni** ("porta dos deuses"). Terá tido origem no termo babal ou babulu, que sem dúvida fazia parte da língua, atualmente desconhecida, de uma população anterior à presença suméria e semita na Mesopotâmia, pelo que se desconhece o seu significado.

Uma outra hipótese é que se trate de um termo de origem suméria, que talvez signifique "**pequeno bosque**". Esse termo original teria sido interpretado, devido à proximidade fonética, pelos falantes de acádio que povoaram a cidade como significando "**porta do deus**", pois ele aparece com frequência nos textos mais antigos em logogramas sumérios, sob a forma **KÁ.DINGIR** ou **KÁ.DINGIR.RA**, que tem o mesmo sentido (KÁ, "porta"; DINGIR "deus"; -RA como marca do dativo) e é uma tradução e não apenas uma simples transposição fonética como acontece com outras adaptações da palavra em outras línguas. O nome acádio da cidade, por sua vez, deu origem ao hebraico **Babel** e ao árabe **Bābil**, que designa a cidade nessas línguas.

A primeira menção segura do nome **Babilônia** encontra-se na forma suméria **KÁ.DINGIR**, num texto cuneiforme datado do reinado de **Sarcalisarri** (r. 2218–2193 a.C.), soberano do Império Acádio que mandou restaurar dois templos da **Babilônia**, que fazia parte do seu império. Depois disso, **Babilônia** aparece em vários textos do período da 3.^a dinastia de Ur, no século XXII a.C., quando a cidade era um centro administrativo secundário do Império de Ur, dirigida por um governador que ostentava o antigo título real **ENSÍ**. Trata-se principalmente de documentos fiscais, dos quais se deduz que se tratava de uma cidade pouco importante. Os estratos das ruínas do 3.^o milénio a.C. não foram escavados, pelo que é difícil datar as origens da cidade, apesar de terem sido recuperados alguns objetos desse milénio durante prospecções.

Dinastia amorita



O rei da Babilônia Hamurábi em frente ao deus Samas, num detalhe da estela do Código de Hamurábi (século XVIII a.C.)

(Fonte: https://www.suapesquisa.com/uploads/site/hamurabi_babilonia.jpg)

A ascensão da **Babilônia** dá-se com o surgimento de uma dinastia de origem amorita, que se inicia em 1894 a.C. com um soberano de nome **Samuabum** (r. 1894–1881). Este período é designado como "**paleobabilônico**" ou "**babilônico antigo**". **Samulael** (r. 1880–1845) foi o verdadeiro ancestral da primeira dinastia da Babilônia, pois não era da família do seu predecessor e todos os seus sucessores foram seus descendentes. Estes aumentaram progressivamente o reino, que no início estava limitado à cidade e aos seus arredores. Durante o reinado de **Sim-Mubalite** (r. 1812–1793), Babilônia torna-se uma potência capaz de rivalizar com os outros grandes reinos amoritas vizinhos de Larsa, Esnuna, Isim e Uruque. O seu filho **Hamurábi** (r. 1793–1750) desempenhou com inteligência o seu papel no cenário internacional do seu tempo e foi sob o seu reinado que esta primeira dinastia babilônica se tornou uma potência regional dominante. Durante a primeira parte do seu reinado não obteve qualquer vitória, mas depois logrou submeter os reinos que em sua volta: Larsa, Esnuna e, mais tarde, Mari.

O **reino babilônico** tornou-se então a maior potência política da Mesopotâmia. O filho e sucessor de Hamurábi, **Samsiluna** (r. 1749–1712),

manteve durante algum tempo essa supremacia, mas enfrentou várias revoltas que enfraqueceram o seu reino. Os monarcas seguintes viram o seu território desagregar-se devido a rebeliões e ataques de povos inimigos, principalmente os **cassitas**, mas também os **hurritas**, ao que se somou uma crise agrária.

O último soberano da dinastia, **Samsi-Ditana** (r. 1625–1595), governou praticamente encurralado um território que incluía pouco mais do que a cidade e os seus arredores. Segundo a tradição babilônica ulterior, o golpe fatal a Samsi-Ditana foi infligido pelo rei hitita **Mursilis I** que comandou um raide à cidade em 1595 a.C. A cidade foi saqueada, a dinastia amorita foi extinta e as estátuas de culto ao deus **Marduque** e da sua consorte **Sarpanitu** foram levadas pelos vencedores como símbolo da submissão dos vencidos.



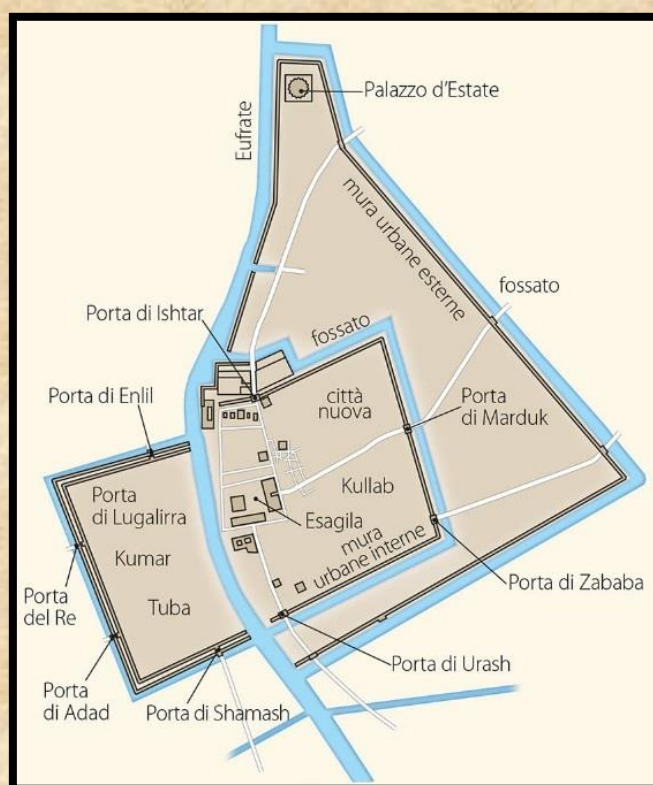
Mapa do Império Paleobabilônico durante o reinado de Hamurábi

(Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/c/cb/Hammurabi%27s_Babylonia_pt.svg/1200px-Hammurabi%27s_Babylonia_pt.svg.png)

Sabe-se pouco deste período da primeira dinastia babilônica. O grande desenvolvimento da cidade e do reino nesse período deveu-se a vários fatores: em primeiro lugar, ao governo de uma dinastia poderosa, mas também à situação geográfica que os governantes souberam aproveitar, numa rica região agrícola irrigada, ao longo de um braço do rio

Eufrates e perto do rio Tigre, a qual constitui um eixo de comunicação importante entre a Síria, a Alta Mesopotâmia, o planalto iraniano e o sul da Mesopotâmia, que dá para o golfo Pérsico. A cidade tornou-se um cruzamento de rotas comerciais importantes.

Os estratos arqueológicos dessa época só foram estudados numa área residencial, pois em geral estão cobertos pelo lençol freático e irremediavelmente danificados. Os dados arqueológicos são escassos e os achados mais significativos são vários conjuntos de tábuas escolares, religiosas e econômicas encontradas na zona do **Merkes**.



Portas da Babilônia

(Fonte: https://mydbook.giuntitvp.it/app/statics/contents/books/GIAC45_62019N/html/32/assets/images/033_d.jpg)

A organização geral da cidade fazia-se já em redor da zona religiosa, situada na margem esquerda (leste) do Eufrates, que já existia, mas ainda se desconhece a extensão exata da cidade. Não se sabe se a muralha já passava por algumas portas que um milénio depois já se situavam no interior da cidade, como a porta de **Lugalirra** ou porta do mercado, ou se já rodeava uma área mais vasta, correspondente à cidade interior do tempo de **Nabucodonosor II**.



Rei Nabucodonosor II

(Fonte: http://www.namespedia.com/image/Nebuchadnezzar_4.jpg)

Contudo, aparentemente a cidade neste período já se estendia sobre a margem direita (a oeste, futuro bairro de Cumar), onde a existência de vários templos é atestada por textos. As melhores fontes de informação sobre as construções da cidade são as inscrições de fundação e os nomes dos anos dos reis paleobabilônicos, comemorativos dos seus trabalhos de construção.



Estátua babilônica em terracota (ca. 2000–1700 a.C.)

(Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/3/34/Terracotta_statue_Babylon.jpg/160px-Terracotta_statue_Babylon.jpg)

O primeiro rei da dinastia, **Samulael**, construiu uma nova muralha e o palácio real que também foi ocupado pelos seus sucessores, até que **Amiditana** (r. 1683–1647 a.C.) aparentemente construiu. A vida no palácio real da Babilônia só é conhecida por algumas tábuas do tempo de **Hamurábi**, provenientes de correspondência diplomática do rei de **Mari**, que mencionam sobretudo transações que interessavam a este rei. Além das obras na sua moradia, os reis paleobabilônicos empreenderam regularmente obras na sua capital, sobretudo nas muralhas, nas portas e nos numerosos templos, muitos deles localizáveis pois são mencionados em textos de obras de épocas posteriores. Além das construções, os reis faziam ofertas sumptuosas a algumas divindades da cidade.



Maquete do Templo de Esagila

(Fonte: <https://qph.cf2.quoracdn.net/main-qimg-61f3441a47d7665039c867c6f0e6c672-lq>)

O **Esagila**, o templo do grande deus local **Marduque**, era objeto de atenções especiais. O seu **zigurate** não é mencionado, mas há dados arqueológicos que podem sustentar a hipótese dele datar deste período. Os textos do Merques indicam que o bairro situado naquele local se chamava "**cidade nova oriental**" e que era habitado por uma categoria de sacerdotisas chamadas **naditum**, características da época paleobabilônica.

Dinastia cassita

Depois da tomada da Babilônia pelos **hititas**, a situação política na região babilônica é particularmente obscura. A região ficou sob o controle de uma dinastia de origem **cassita** em condições mal conhecidas. Um texto do século VII a.C. encontrado em Nínive, na Assíria, apresenta-se como uma cópia de uma inscrição do rei cassita **Agum II** (início do século XVI a.C.), onde se lê que restituiu as estátuas de culto de **Marduque** e **Sarpanitu** a Babilônia e restaurou o **Esagila**. Nada se sabe quanto à autenticidade desse texto, tanto mais que esse rei Agum só é mencionado em textos posteriores ao seu reinado.



Mapa do Império Cassita no século XIII a.C.
(Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4e/Babilonia_durante_la_dinast%C3%ADa_Casitas_Siglo_XIII_adC_PT.svg)

Os conhecimentos atuais acerca do domínio cassita sobre a Babilônia só são seguros a partir do início do século XV a.C. (um século depois do ataque hitita e do suposto reinado de **Agum II**), com o reinado de **Burnaburias I** e principalmente dos seus sucessores **Ulamburias** e **Agum III**. Os reis desta dinastia, que se apresentam como monarcas de

Cardunias (correspondente à região da Babilônia), mais frequentemente do que como "reis da Babilônia", raramente aparecem relacionados com a cidade, onde as suas obras são pouco ou nada mencionadas. O estatuto da cidade como centro político não é claro: durante o reinado de **Curigalzu I** ou **Curigalzu II**, no início do século XIV a.C., foi fundada uma nova capital em **Dur-Curigalzu** ("forte Curigalzu", do nome do seu fundador), situada a norte da Babilônia, num local onde os rios Eufrates e Tigre estão mais perto um do outro, à semelhança de outras futuras capitais de reinos estabelecidos na Mesopotâmia, como **Selêucia do Tigre**, **Ctesifonte** ou, mais tarde, **Bagdade**.

Não obstante, **Babilônia** continuou a ser uma cidade muito importante e prestigiada durante o período cassita, nomeadamente porque o seu papel como centro religioso se desenvolveu, como é atestado pelo fato do **Esagila** receber doações de terras e de **Marduque** se afirmar gradualmente como figura divina soberana nos textos desse período.

Em 1235 a.C., a cidade é saqueada pelo rei **Tuculti-Ninurta I** da Assíria. Segundo a crônica histórica babilônica, esse rei derrubou as muralhas e levou a estátua de **Marduque**, tendo depois mandado redigir no seu país um longo texto celebrando a sua vitória.

Os conflitos entre a Babilônia e a Assíria sucederam-se até à intervenção de uma terceira potência, a dos reis de **Elão Sutruque-Nacunte** (r. ca 1185–1155) e do seu filho **Cutir-Nacunte III** (r. ca 1155–1150), que se apoderaram da Babilônia em 1158 a.C. e em 1155 a.C. e roubaram os tesouros da cidade, entre os quais a estátua do grande deus.

Segunda dinastia de Isim e período de declínio



Cudurru de Nabucodonosor I

(Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/58/Nabu-Kudurri-Usur.jpg>)

Os **elamitas** foram finalmente expulsos da Babilônia por uma nova dinastia com origens em **Isim**, que logrou retomar a cidade. O seu maior rei, **Nabucodonosor I** (r. 1126–1105 a.C.), derrotou depois os elamitas no seu próprio país e trouxe de volta triunfalmente a estátua de **Marduque**, um acontecimento que é relatado num longo texto que figura numa ata de doação. Este ato é particularmente importante para a história religiosa da Babilônia, pois é neste período que se estabeleceu a primazia de **Marduque** sobre as outras divindades mesopotâmicas, com a redação da "Epopéia da Criação" (Enūma eliš), que narra como ele se tornou rei dos deuses.

Nesta história, **Babilônia** aparece como uma cidade construída pelos deuses e situada no centro do mundo, no ponto de contacto entre o Céu e a Terra (materializado pelo **zigurate**, cujo nome significa "**Casa-ligação do Céu e da Terra**").

Geralmente considera-se que foi também nessa época que foi redigido o **texto topográfico** chamado **TINTIR** (o mesmo que Babilu), devido ao seu incipit, onde está descrita a localização de todos os locais de culto da cidade, que tinha então o estatuto de cidade santa. Acredita-se por isso que a cidade já tinha então a sua **planta** praticamente definitiva, mesmo

sendo possível que o texto (e por conseguinte a organização interior final da cidade) seja mais tardio.

O retorno do reino babilônico ao primeiro plano político foi, no entanto, de curta duração. A partir de cerca de 1050 a.C., a região sofreu incursões de vários povos nômadas, como os **araméus**. O fim do reinado de **Nabusumulibur** (r. 1032–1025) marca o início de um período de caos e de mudanças dinásticas frequentes, sobre o qual escasseiam fontes sobre a Babilônia. Aparentemente, as grandes cidades da região passaram por períodos de grande violência e a cidade da Babilônia não deve ter sido exceção.

Babilônia e o domínio assírio



Baixo-relevo do palácio real de Nínive, representando soldados assírios contabilizando o butim no decurso de uma campanha na Babilônia.

(Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/6f/Booty_Nineveh_BM_WA124955-7.jpg)

A situação começou a estabilizar-se a partir do século IX a.C., apesar de continuar muito agitada. Os reis da **Babilônia** lutaram para afirmar o seu domínio sobre a região, mas as dinastias eram muito instáveis. A estes problemas somou-se o reinício das guerras contra a **Assíria**, que se encontrava numa posição de força devido à sua maior estabilidade interna. A degradação da situação acelerou-se durante o reinado do rei assírio

Tiglata-Pileser III (r. 745–727 a.C.), que após vários anos de combates conseguiu conquistar **Babilônia** em 728 a.C., onde se proclamou rei.

O domínio assírio, porém, não ficou assegurado, e **Sargão II** (r. 722–705 a.C.), que restaurou templos e as muralhas da Babilônia, teve que enfrentar um duro adversário na Babilônia, **Merodaque-Baladã II**, que por duas vezes reinou na cidade.

Senaqueribe, o sucessor de **Sargão II**, tentando fazer face a várias revoltas em Babilônia, colocou um dos seus filhos no trono da cidade. Este ficou pouco tempo no poder — foi capturado durante outra revolta e foi entregue aos aliados dos revoltosos, os **elamitas**, que o executaram. A resposta de **Senaqueribe** foi terrível e o relato que se conhece deixa claro o ódio contra os babilônios.

O rei assírio teria massacrado uma grande parte da população e destruiu grande parte da cidade mudando o curso das águas para a inundar. Depois destruiu as muralhas e o santuário de **Marduque**, de onde levou a estátua. Segundo o relato, a destruição teria sido ordenada pelo deus **Marduque**, zangado com os babilônios, e **Senaqueribe** foi apenas o braço da vingança divina. A verdadeira amplitude das destruições é controversa e tudo indica que a cidade não foi completamente destruída como o rei assírio queria fazer crer.

Assaradão (r. 681–669 a.C.), o filho e sucessor de **Senaqueribe**, escolheu a via da pacificação e iniciou a reconstrução da cidade, apesar disso ter sido supostamente proibido durante 70 anos por **Marduque**. Esta proibição foi contornada com um artifício: o número 70 em cuneiforme é escrito com dois símbolos; se for invertida a ordem desses símbolos, o número representado passa a ser 11. Como já tinham passado mais de 11 anos, a reconstrução podia ser realizada.

A sucessão de **Assaradão** em 668 a.C. deu origem a uma organização política especial: **Assurbanípal** reinava na Assíria, enquanto que o seu irmão **Samassumauquim** ocupava o trono da Babilônia, em

posição de vassalo, mas ao mesmo tempo guardião da estátua sagrada de **Marduque**, que voltou à cidade para a sua entronização.

Samas acabou por revoltar-se contra o irmão em 652 a.C., mas foi derrotado depois de uma guerra de quatro anos e do cerco da cidade durante vários meses em 648 a.C. Foi morto durante o cerco, queimado no incêndio do seu palácio, um acontecimento que deu origem ao mito grego de **Sardanápalo**. Após uma primeira fase de repressão, **Assurbanípal** revelou-se menos brutal do que o seu avô e mandou restaurar a cidade, à frente da qual colocou um governante fantoche, **Candalanu**. Os reis assírios marcaram profundamente a história da Babilônia e a sua paisagem urbana.

Império Neobabilónico e apogeu da Babilônia



Mapa aproximado do Império Neobabilónico

(Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/d/d8/Empire_neo_babyloien-pt.svg/640px-Empire_neo_babyloien-pt.svg.png)

A sucessão de revoltas na **Babilônia** enfraqueceu a Assíria. Após a morte de **Assurbanípal** em 627 a.C., os seus sucessores envolveram-se em querelas que acabaram por ser fatais para o reino assírio.



Assurbanipal

(Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/d/dc/The_Royal_lion_hunt_reliefs_from_the_Assyrian_palace_at_Nineveh%2C_the_king_is_hunting%2C_about_645-35_BC%2C_British_Museum_%2812254914313%29.jpg/1200px-The_Royal_lion_hunt_reliefs_from_the_Assyrian_palace_at_Nineveh%2C_the_king_is_hunting%2C_about_645-635_BC%2C_British_Museum_%2812254914313%29.jpg)

Nabopolassar, governador em nome dos assírios do "País do Mar", provavelmente de origem caldeia, aproveitou os tumultos na Assíria para tomar o poder em **Babilônia** em 625 a.C. e após isso entrou gradualmente em conflito com o seu vizinho do norte. Após alguns anos de conflitos, ele conseguiu finalmente derrubar o Império Assírio com a ajuda do rei dos **Medos, Cixares**, entre 614 e 610 a.C.

O filho de Nabopolassar, **Nabucodonosor II** (r. 605–562 a.C.) sucedeu ao pai. Foi com ele que **Babilônia** conheceu o seu apogeu, com o chamado Império Neobabilônico, que chegou a cobrir grande parte do Oriente Próximo, desde o Egito até aos montes Tauro, na Anatólia, e aos limites da Pérsia. Os reinados de **Nabopolassar** e de **Nabucodonosor II** foram um período de profundas transformações na cidade, iniciadas pelo primeiro e prosseguidas pelo segundo, que são conhecidas por numerosas inscrições de fundação. Foram essas obras que contribuíram para a imagem lendária da cidade, reproduzida por autores estrangeiros como Heródoto, Ctésias ou os redatores da Bíblia hebraica, de uma cidade rodeada de muralhas impressionantes, dominada por monumentos

notáveis, que nessa época foram aumentados ou restaurados: os palácios reais, templos, o zigurate, as ruas principais, entre elas a Via Processional que saía da Porta de Istar, etc. A vida econômica e social da cidade transparece igualmente nos textos econômicos, administrativos e escolares desse período.

Os sucessores de **Nabucodonosor** lograram manter de alguma forma o seu império, mas não tiveram a tenacidade dos fundadores da dinastia. O último rei da Babilônia, **Nabonido** (r. 556–539 a.C.) é um personagem enigmático, que começou por desdenhar uma parte da elite do seu reino, nomeadamente o clero de Marduque, pois aparentemente desinteressou-se deste deus em favor do deus lunar **Sim**. **Nabonido** deixou a cidade da Babilônia e instalou o seu governo na cidade-oásis de **Teimam** e a sua ausência da Babilônia na prática impedia que os sacerdotes de **Marduque** de realizarem as celebrações do Ano Novo, que requeriam a presença do rei.

Domínio estrangeiro



O Cilindro de Ciro, Museu Britânico

(Fonte: <https://pt-static.z-dn.net/files/dea/394ed4cf8caafa476585ae0bafd5f000.jpg>)

Quando o rei persa Aquemênida **Ciro II** atacou Babilônia em 539 a.C., com uma ofensiva de surpresa contra a **Porta de Enlil**, no noroeste da cidade, os combates foram breves e cidade caiu nas suas mãos

juntamente com todo o império. A cidade perdeu a sua independência, mas o novo soberano proclamou o seu desejo de preservar a cidade e ganhou os favores do clero local proclamando um decreto que lhes era muito favorável, que se encontra escrito num cilindro de barro conhecido como **Cilindro de Ciro**, o qual foi descoberto nas ruínas da Babilônia. A queda do reino babilônico e o fim da independência política não significaram o declínio da metrópole mesopotâmica, que se revoltou em várias ocasiões: contra **Dario I** em 521 a.C. e mais tarde contra o seu filho **Xerxes I** (r. 518–465 a.C.), a quem autores gregos posteriores atribuíram a decisão de destruir o santuário de **Marduque** como represália, algo cuja amplitude real é controversa.

Babilônia continuou a ser uma cidade importante no Império Aquemênida, apesar de não ser a capital, e a região babilônica era um território crucial, onde a nobreza persa dispunha de vastos domínios. Em 331 a.C., **Babilônia** abriu as suas portas ao rei macedônio **Alexandre**, o Grande depois da sua vitória em **Gaugamela** e os invasores são manifestamente bem acolhidos pela população. **Alexandre** patrocinou a restauração de canais e do **Esagila**; depois da sua expedição à Índia, instalou-se na cidade durante alguns meses, antes de morrer em junho de 323 a.C.



Entrada de Alexandre em Babilônia, pintura de Charles Le Brun de 1665
(Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/c/c1/Charles_Le_Brun_-_Entry_of_Alexander_into_Babylon.JPG/1200px-Charles_Le_Brun_-_Entry_of_Alexander_into_Babylon.JPG)

Foi na **Babilônia** que se esboçou a primeira partição do império de **Alexandre** entre os seus generais, os **diádicos**, que rapidamente se fragmentou em lutas que afetaram duramente a Babilônia e a sua maior cidade. Esta encontrava-se enxugue quando **Seleuco I** conseguiu consolidar o seu domínio na região em 311 a.C. O novo soberano não manteve **Babilônia** como capital, pois construiu uma nova cerca de 60 km a nordeste, **Selêucia do Tigre**. Apesar de tudo, Babilônia continuou a ser importante, como testemunha, por exemplo, o fato do filho de Seleuco, **Antíoco I**, lá ter residido vários anos antes de tomar o poder sozinho. Os dois primeiros imperadores selêucidas mandaram reconstruir vários edifícios religiosos em Babilônia. Mais tarde o centro de gravidade do império mudou-se para ocidente e **Antioquia** tornou-se a capital principal dos sucessores selêucidas, que foram perdendo gradualmente a região babilônica devido ao avanço dos **partas**. Estes acabaram por dominar definitivamente a região durante o reinado de **Mitrídates II** (r. 123–88 a.C.).

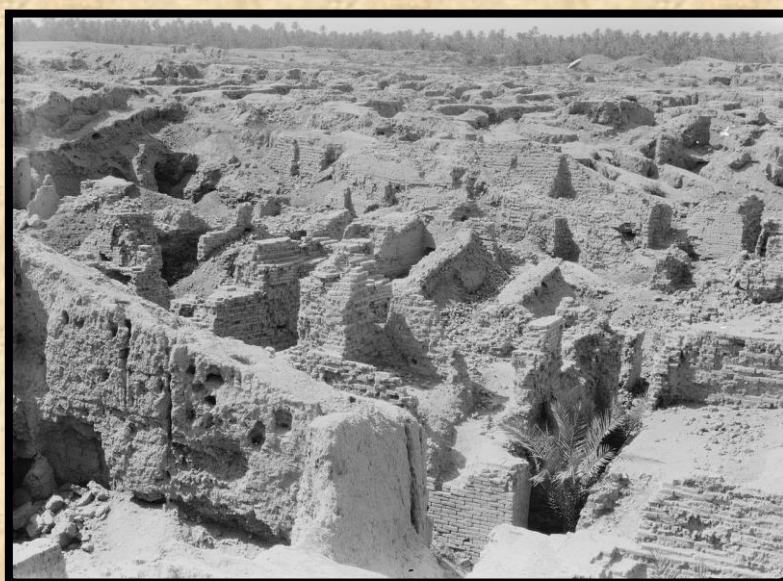
Babilônia continuou a ser uma cidade importante sob o domínio dos impérios estrangeiros da segunda metade do 1.º milénio a.C. Sob a administração Aquemênida, o governador da Babilônia — que nos textos em cuneiforme é chamado **pahāt** e não pelo nome persa "**sátrapa**" — dirigia uma vasta província que cobria todos os territórios do antigo império babilônico, que ia até ao mar Mediterrâneo.

No Império Selêucida, **Babilônia** foi suplantada por **Selêucia** como principal centro administrativo e tornou-se uma capital provincial secundária. O imperador era ali representado por um personagem que os textos locais designam **šaknu** ("oficial" ou "funcionário", um título que era usado por dignitários dos antigos reinos babilônicos) e que dirigia o pessoal do palácio real.

A partir de 170 a.C., durante o reinado de **Antíoco IV**, Babilônia tornou-se uma cidade grega, dirigida por um **epístata**.

A comunidade babilônica indígena, que continuou dominante em número, formava a terceira entidade política desta sociedade complexa. Ela era representada junto das autoridades gregas pelo pessoal encarregado do **Esagila**, que por isso passou a ter um peso dominante na vida da cidade, pois era a única autoridade tradicional de origem local ainda existente. Esse pessoal era dirigido por uma assembleia (kiništu) cuja autoridade superior era o administrador do santuário (šatammu).

Fim da Babilônia antiga



Fotografia de ruínas da Babilônia (1933–1934)

(Fonte: <https://1.bp.blogspot.com/-fOqizi00lu8/YT-xV-v16EI/AAAAAAAAABc6M/sOKa6xonAfAsIZLx1f4dwJpATdMkotSMAClCBGAsYHQ/s1280/fig%2B1.jpg>)

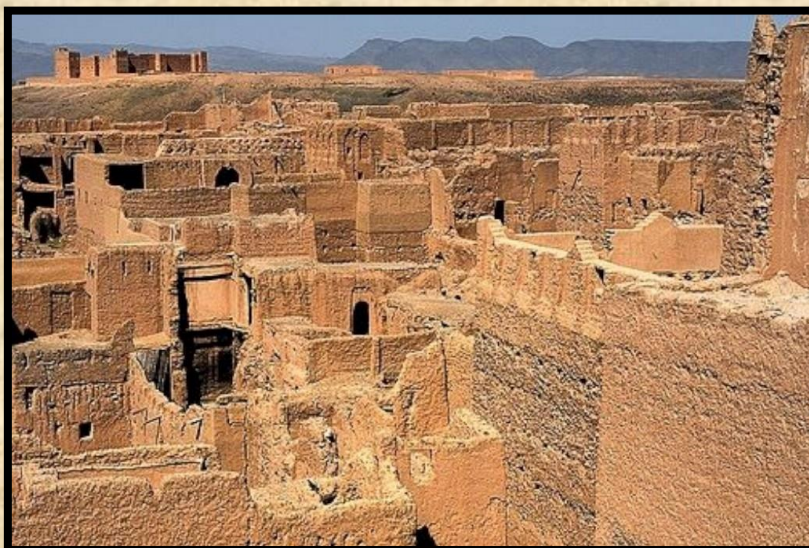
Durante o período **parta** assistiu-se ao declínio da **Babilônia**, que se despovoou progressivamente. Os grandes centros do poder deslocaram-se definitivamente para norte, para as margens do rio Tigre (Selêucia, Ctesifonte e, bastante mais tarde, Bagdade). Contudo, os seus monumentos principais ainda mantiveram atividade. **Plínio, o Velho** escreveu no início do século I d.C. que o templo continuava ativo, não obstante a cidade estar em ruínas,^[59] e uma inscrição grega do século seguinte indica que o teatro foi restaurado.^[60] Quando as primeiras comunidades cristãs se instalaram na região, a cidade continuava a ser um centro de comércio ativo, onde se encontravam comunidades de várias

partes do mundo além das comunidades babilônica e grega, nomeadamente mercadores de **Palmira**.

Babilônia no seu apogeu

Os estratos antigos da **Babilônia** não foram escavados, à exceção de algumas residências paleobabilônicas. A maior parte dos dados disponíveis sobre Babilônia, quer resultantes de escavações, quer dos diferentes textos locais e exteriores, são referentes ao período neobabilônico (624–539 a.C.) e ao período Aquemênida (539–331 a.C.).

Uma "megacidade" da Antiguidade



Fotografia de ruínas da cidade da Babilônia

(Fonte: https://imagens.publico.pt/imagens.aspx/1373376?tp=UH&db=IMAGENS&type=JPG&share=1&o=BarraFacebook_Ipsilon.png)

No seu apogeu, estima-se que a cidade da **Babilônia** ocupava entre 950 e 975 hectares, o que torna **Babilônia** o maior conjunto de ruínas da Antiguidade mesopotâmica e mesmo do Próximo Oriente. As estimativas do número de habitantes são praticamente impossíveis. Há autores que avançaram com 100.000 habitantes apenas na cidade interior, mas as estimativas não têm bases sólidas. Para dar uma ideia da ordem de grandeza, a população de Nínive no seu apogeu, a segunda maior cidade da Mesopotâmia antiga, foi estimada em aproximadamente 75.000 habitantes, baseada em dados mais seguros. Qualquer que fosse o número

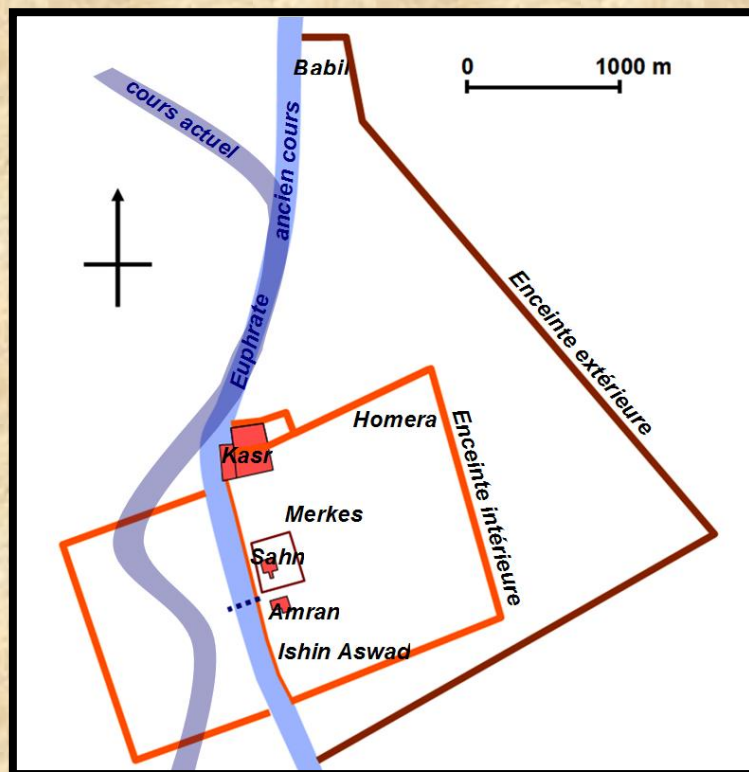
de habitantes, tratava-se manifestamente de uma cidade muito povoada entre o período neobabilônico e o período Aquemênida, que pode considerar-se a primeira "**megacidade**" da história, fervilhante de atividade, que inspirou a imaginação de testemunhas exteriores.

O espaço urbano da **Babilônia** é conhecido de forma muito desigual, pois só foram realizadas escavações numa pequena parte do sítio. Praticamente só as áreas centrais foram escavadas, focando-se as escavações sobretudo nos complexos monumentais. Não obstante, são conhecidos vários aspectos do seu **urbanismo**, quer por via dos estudos arqueológicos (nas ruínas do espaço urbano, mas também em sepulturas na cidade e nas suas proximidades), quer pelas fontes textuais e epigráficas, nomeadamente os principais monumentos oficiais (palácios e templos), os cursos de água, algumas áreas residenciais, as muralhas e portas.

Em grande parte, o conhecimento que se tem da organização **urbana** da cidade resulta da comparação dos dados arqueológicos com as fontes textuais em cuneiforme, principalmente as **tábuas topográficas**, sobretudo o texto conhecido como **TINTIR**, que descreve os diferentes nomes da cidade, a localização dos seus grandes templos, os locais de culto mais modestos e em geral todos os locais relacionados com religião, como por exemplo as portas e muralhas batizadas com nomes de deuses.

Esses textos possibilitam uma visão de conjunto da cidade relativamente precisa, que é complementada pelos textos dos autores gregos melhor informados, como **Heródoto** e **Ctésias**. Além dos **textos topográficos**, há diversos textos em cuneiforme que fornecem informações relevantes, como as inscrições reais comemorativas de obras importantes, ou documentos de natureza administrativa ou comercial, que permitem conhecer aspectos da sociedade, economia e organização política da cidade; ou textos religiosos que descrevem as práticas de culto e ilustram o estatuto sagrado da cidade.

Organização geral do sítio arqueológico



Mapa simplificado do sítio arqueológico de Babilônia, com a localização das principais zonas de escavação

(Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/98/Babylone_site_fr.png)

O espaço urbano da **Babilônia** pode ser dividido em três áreas principais. As duas primeiras foram as que foram ocupadas nas épocas mais antigas e que foram as mais densamente povoadas nos períodos neobabilônico e persa. A terceira área só foi integrada na cidade num período mais recente, no reinado de **Nabucodonosor II**, ou seja no último quarto do século XII a.C. O centro da cidade situava-se na margem esquerda (leste) do antigo curso do rio Eufrates.

O espaço situado nessa margem entre o rio e o limite oriental da muralha interior cobre entre 450 e 500 hectares e é onde se encontram os principais monumentos da cidade, como o setor **palacial**, situado no tel do Kasr (ou Qasr), e o complexo do **Esagila**, o templo de **Marduque**, no Tel Anrã ibne Ali, com o **Etemenanki**, o seu zigurate, adjacente a norte. Deste apenas resta o traçado no solo numa depressão chamada **Sahn**. A

leste do complexo religioso encontra-se o sítio do **Merkes** ("centro da cidade" em árabe), onde foi desenterrado um bairro residencial.

Segundo o texto **Tintir**, esta parte da cidade estava dividida em bairros, a maior parte deles com nomes sumérios: **KÁ.DINGIR.RA** ("Porta do Deus", ou seja, "Babilônia"), junto ao palácio; **ERIDU** (nome de uma antiga cidade sagrada da Mesopotâmia, cidade do deus Enqui, pai de Marduque), em volta do complexo do Esagila; **ŠU.AN.NA** ("Mão do Céu"), ao sul do anterior, em redor do tel Ishin Aswad; **TE.E^{KI}**, no canto sudeste; **KULLAB** (nome de uma antiga aldeia que foi integrada na cidade de Uruque), no centro; e a "**Cidade Nova**" em acádio: ālu eššu, no canto nordeste, em volta do tel Homera.

O segundo conjunto urbano da cidade situava-se na margem direita (ocidental) do antigo curso do Eufrates e cobria cerca de 130 hectares. Não foi escavado porque está parcialmente submerso pelo curso atual do rio e porque não tinha os monumentos mais relevantes. É impossível determinar se foi ocupado paralelamente à margem esquerda ou se se trata de uma extensão mais tardia da cidade que se expandiu para a outra margem para ocupar mais espaço. Esta parte da cidade era rodeada de uma muralha, que juntamente com a muralha da margem contrária, demarcava a chamada cidade interior (que aparece em vermelho no mapa), a qual formava uma retângulo que era cortado pelo rio na direção norte-sul. O texto **Tintir** indica que ali havia quatro bairros: **Bab-Lugalirra** ("Porta de Lugalirra"); **KUMAR ou KU'ARA e TUBA**, nomes de duas antigas cidades sumérias; e outro cujo nome não foi decifrado.

O terceira área da cidade era um vasto triângulo protegido por uma muralha construída na época neobabilônica em volta da primeira zona, na margem esquerda do rio. Estende-se até 2,5 km para norte, até ao **tel Babil**, onde se situa o único monumento conhecido nessa parte da cidade, o "**palácio de verão**". Este terceira área é pouco melhor conhecida do que

a segunda, mas pode afirmar-se que não foi completamente urbanizada e que poderia ter espaços agrícolas.

Muralhas e portas



As muralhas de Babilônia depois de uma reconstrução recente.

(Fonte: https://st3.depositphotos.com/7531602/18449/i/600/depositphotos_184492532-stock-photo-restored-ruins-of-ancient-babylon.jpg)



Uma das portas da cidade da Babilônia.

(Fonte: https://conteudo.imguol.com.br/blogs/99/files/2015/03/shutterstock_230053600.jpg)

O sistema defensivo da **Babilônia** era constituído por várias muralhas que cercavam as suas diferentes partes. Um primeiro conjunto de muralhas mais fortes cercava a cidade interior em ambas as margens do Eufrates. Na margem esquerda havia uma segunda linha de muralhas, de forma aproximadamente triangular, que circundava a cidade exterior. Os

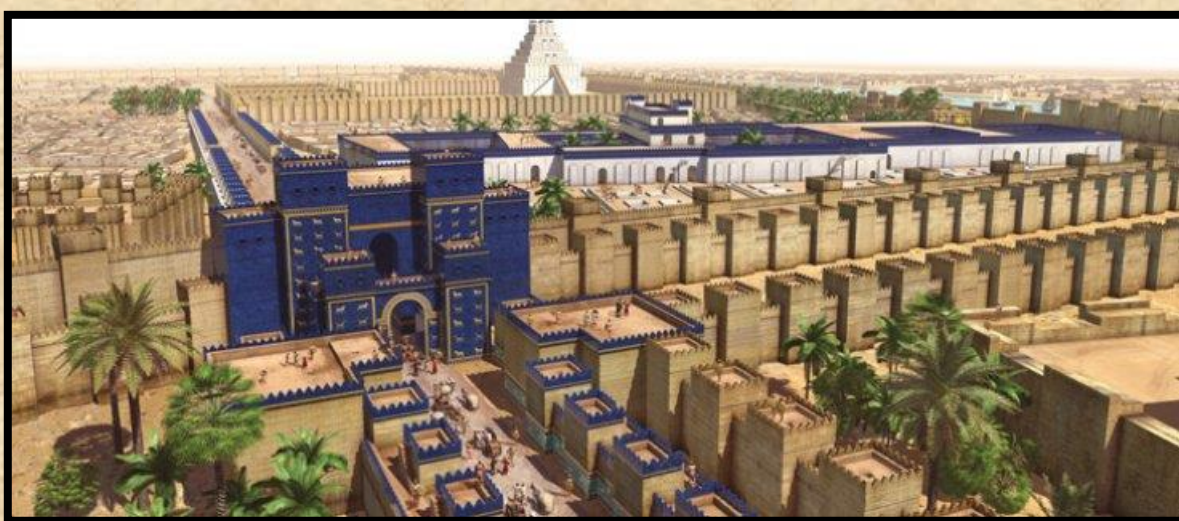
textos do tempo de **Nabucodonosor II** indicam que nos arredores havia também várias construções defensivas, que se destinavam a retardar o avanço de eventuais inimigos e que se estendiam até **Quis**, a leste-sudeste, e até **Sipar**, a norte, defendendo toda a região babilônica.

A muralha exterior rodeava a cidade na margem oriental (esquerda) do Eufrates. No outro lado do rio não havia muralha exterior e a parte da cidade muralhada desse lado cidade (erigida no tempo de **Nabucodonosor II**) constituía o primeiro nível defensivo cidade interior oriental.

Os contornos da muralha exterior formavam uma espécie de trapézio que na prática é quase um triângulo com perímetro entre 12 e 15 km, dos quais foram escavados pouco mais de 800 m. As muralhas eram constituídas por três paredes sucessivas, das quais a do meio era a mais sólida, separadas por fossos. Na parte exterior havia outro fosso com cerca de 50 m de largura e cheio de água. Havia dezenas de torres defensivas repartidas a intervalos regulares de 30 a 50 m. Um texto refere a existência de um total de 120 torres e 5 portas. O estudo arqueológico das muralhas exteriores suscitou várias interrogações, nomeadamente a inexistência de qualquer extensão ao longo da margem ocidental do Eufrates, o que teria oferecido um ponto de acesso aos atacantes, o que constitui um erro de concessão surpreendente a não ser que no lado ocidental do rio também tivessem existido muralhas exteriores que entretanto desapareceram por completo.

A muralha interior, delimitava um espaço retangular, com aproximadamente 2 por 3 km. Era constituída por dois muros paralelos; o interior é denominado **Imgur-Enlil** ("Enlil mostrou o seu favor") e o exterior é denominado **Nimit-Enlil** ("muralha de Enlil") em alguns textos. Foram reconstruídos por **Assaradão** (r. 681–669 a.C.) e pelo filho deste **Assurbanípal** e posteriormente pelos reis neobabilônicos **Nabopolassar** (r. 626–605 a.C.) e **Nabucodonosor II** (r. 605–562) O muro interno tinha

6,5 m de espessura e estava separado do muro externo por um espaço com 7,2 m, o qual tinha 3,7 m de espessura. A cerca de 20 m havia um fosso cheio de água do Eufrates, com mais de 50 m de largura. O conjunto da muralha dupla e fosso constituía um sistema defensivo com mais de 100 m de largura, complementado por torres defensivas a intervalos regulares. Dois fortins defendiam o ponto mais sensível do sistema, o setor dos palácios, nomeadamente o "**palácio Norte**", situado junto às muralhas no lado norte da cidade interior ocidental, entre o Eufrates e a Porta de Istar.



Porta de Istar do complexo da Babilônia

(Fonte: https://apaixonadosporhistoria.com.br/img/artigocapa/artigocapa_73_474527092.jpg)

Segundo o **Tintir**, as muralhas internas tinham oito portas monumentais, todas à exceção de uma (a "**Porta do Rei**") com nomes de divindades, as quais protegem as respetivas portas. Além do nome da divindade, as portas eram decoradas com um "**nome sagrado**" que enfatizava o seu papel defensivo: "**o inimigo é-lhe repugnante**" na porta de Urash, "**odeia o seu agressor**" na porta de Zababa, "**Istar derruba o seu assaltante**" na Porta de Istar, etc. Quatro delas, situadas na metade ocidental, foram desenterradas e identificadas (a de **Istar**, a de **Marduque**, a de **Zababa** e a de **Urash**); as outras, da parte oriental, localizadas de forma imprecisa, eram as portas de **Enlil**, do **Rei**, de **Adad** e de **Shamash**.

A porta mais célebre é a de **Istar**, sem dúvida o monumento melhor conservado da antiga Babilônia, que foi levada pelos arqueólogos alemães para o Museu de Pérgamo de Berlim, onde foi reconstituída. Tinha uma importância capital no urbanismo da cidade pois era por ela que passava a **Via Processional**, o principal eixo de comunicação que ligava o grande santuário da cidade e passava ao lado do palácio real. A sua organização é similar à das outras portas escavadas: uma ante porta de tamanho reduzido e defendida por duas torres avançadas dava acesso à porta principal flanqueada de torres mais imponentes; o conjunto tinha um comprimento de cerca de 50 m. A porta de **Istar** é famosa sobretudo pela sua decoração constituída por painéis de tijolos vidrados azuis ou verdes com representações de leões, touros e dragões.

O rio e os canais

O centro da Babilônia era a parte ocidental da cidade interior, situada na margem esquerda do Eufrates, que cobria perto de 500 hectares. Ali se encontravam todos os monumentos que fizeram a cidade famosa. Está estruturada em volta de vários eixos principais, a começar nos cursos de água. O Eufrates limita essa parte da cidade e muito provavelmente esteve na origem da implantação de um povoado no local, pois trata-se de um eixo de comunicação importante à escala regional e mesmo internacional. Para facilitar o trânsito de mercadorias e de pessoas, os **cais** daquela área foram reconstruídos no tempo de **Nabucodonosor II**. Eram planos, com muros ao longo do rio, e eram perfurados em vários locais por uma espécie de **poternas** que permitiam uma comunicação fácil entre o rio e a cidade. A atividade devia ser intensa, pois os cais das cidades mesopotâmicas (**kāru**) eram tradicionalmente espaços comerciais de primeira importância. Sabe-se por um texto datado de 496 a.C. (do tempo do reinado de **Dario I**) que era cobrada uma taxa pela administração aos empresários

privados sobre as mercadorias que eram ali desembarcadas, a qual era calculada em função do valor das mercadorias.



A Via Processional (reconstruída)

(Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/2/2b/Procession_Street_in_babylon.jpg/220px-Procession_Street_in_babylon.jpg)

Uma das maiores edificações ligadas ao Eufrates era uma **ponte** com mais de 120 m de comprimento, que passava por cima do bairro sagrado e ligava as duas partes da cidade interior. A ponte é mencionada por Heródoto e Diodoro Sículo e pode ser escavada pois atualmente encontra-se em terreno seco devido à mudança de curso do rio. Era suportada por sete pilares em tijolo e pedra. Três deles, em forma de barco e medindo 21 por 9 m, foram completamente desenterrados. O tabuleiro era feito em pranchas de madeira e segundo Heródoto era movido à noite (o que significa que uma parte do tabuleiro era amovível). O texto mencionado acima que refere a taxa de desembarque indica que a ponte também servia de local de trânsito de mercadorias, e que estava sob a responsabilidade de três guardas remunerados por uma parte das taxas que ali eram cobradas.

O **curso do rio** era parcialmente desviado para canais que serviam de vias de comunicação à escala local e regional, além de permitirem a **irrigação dos campos** em volta da cidade. Nos textos são mencionados cerca de vinte canais , entre eles o **Libil-he(n)galla** ("que traz a abundância"), que começava no rio e corria entre a zona dos palácios e a

do bairro sagrado em direção ao nordeste da cidade. A manutenção dos canais foi uma preocupação contínua para as autoridades locais e sobretudo para o rei, além do mais porque faziam parte do sistema defensivo da cidade.

A água do rio e dos canais constituía um risco com que os babilônios tiveram que lidar. O curso médio do rio e do lençol freático aparentemente subiram gradualmente ao longo do período neobabilônico, o que levou a que os reis desse período impulsionssem vastos programas de melhoramento das principais construções da cidade. A zona urbana era percorrida por canais de drenagem que levavam as águas usadas e da chuva para o rio.

Também havia que combater a erosão das construções erigidas nas margens dos cursos de água, o que esteve na origem de no tempo de **Nabucodonosor II** se ter construído o forte ocidental, para proteger do rio o setor dos palácios. O **Eufrates** também podia ser perigoso em períodos de cheias e algumas vezes o seu curso mudava. É possível que durante a época Aquemênida tenha surgido um segundo braço do rio, que passava entre o setor do **palácio** e o de **Marduque** antes de se voltar a juntar ao leito principal. Mais tarde, o curso principal desviou-se para oeste, onde ainda corre, submergindo uma parte da metade ocidental da cidade interior.

O urbanismo da cidade interior: arruamentos e residências

Os eixos de comunicação terrestres eram igualmente importantes na estruturação do espaço urbano. O texto **Tintir** indica que cada porta se abria para uma grande avenida, mas as únicas avenidas que foram claramente identificadas no local são a **Via Processional** (Ay-ibur-šabu; "que o inimigo arrogante não passa") e outra que lhe era transversal. A primeira tinha cerca de 900 m, era retilínea, orientada aproximadamente na direção norte-sul, e ia desde a **Porta de Istar** até ao bairro sagrado. A

segunda cruzava a Via Processional ao nível do complexo religioso, tinha pelo menos 500 m de comprimento e ia até à ponte, passando entre a muralha do zigurate e do **Esagila**.

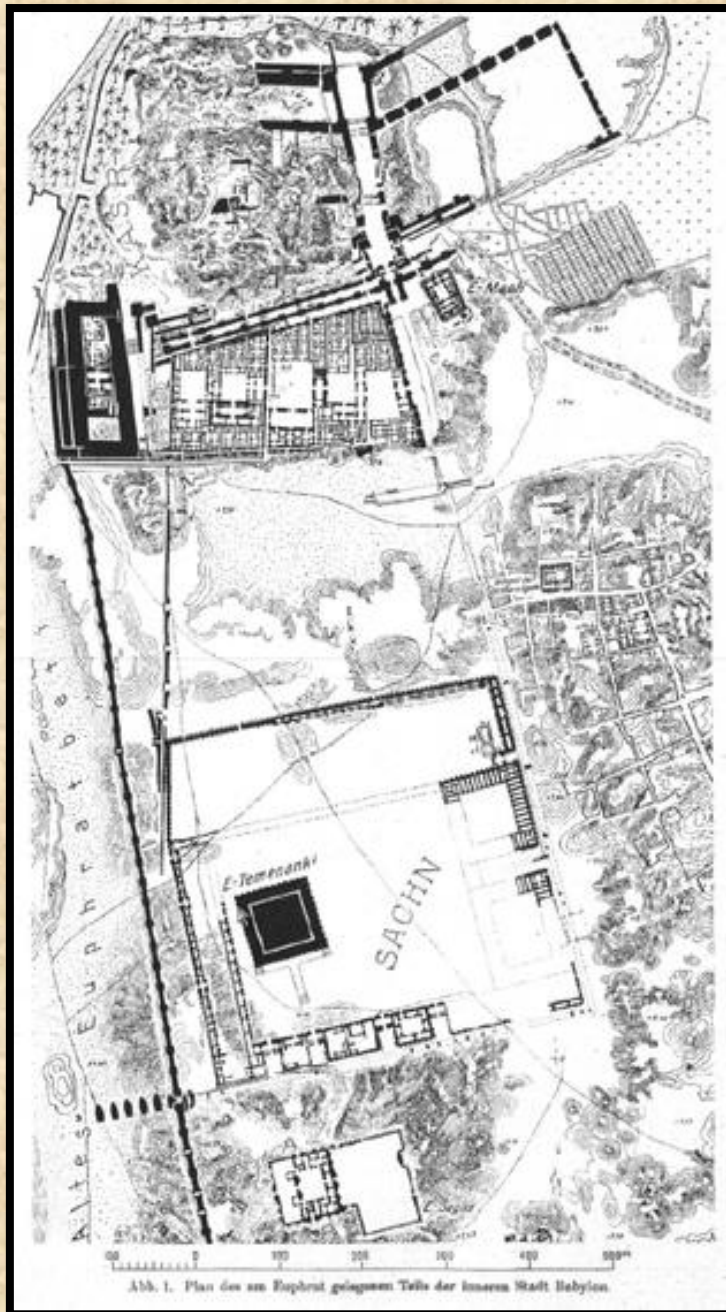


Mapa da cidade interior de Babilónia no século VI a.C., com os dados topográficos do texto 'Tintir

(Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/2/2a/Babylon_map.png/310px-Babylon_map.png)

Ambas eram pavimentadas com placas de cerâmica ligadas com betume. A **Via Processional**, que como o seu nome indica, era um eixo de primeira importância durante as cerimônias religiosas, tinha mais de 20 m de largura e era decorada, pelo menos em parte, com frisos em tijolos vidrados com leões e rosáceas.

O único bairro residencial que foi escavado situava-se no sítio do **Merques**, a leste da Via Processional e do complexo sagrado, entre os antigos bairros de **Cadingirra**, **Eridu** e **Suana**. Os seus arruamentos são caracterizados por ruas estreitas aproximadamente retilíneas que se cruzavam praticamente em ângulo reto. Trata-se possivelmente da herança de uma antiga **planta ortogonal** planeada que foi alterada devido aos rearranjos das construções, frequentes devido à alteração rápida das construções em tijolos crus, que têm que ser regularmente restauradas.



Mapa das zonas escavadas na parte ocidental da cidade interior: o Kasr a norte, o santuário de Marduque a sul, junto à ponte a oeste, e o Merkes a leste.

(Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/5/59/Baylon_2443.png/310px-Baylon_2443.png)

Os arruamentos do **Merkes** delimitam quarteirões de habitações com 40 a 80 m de lado, onde foi escavada uma dezena de casas, datadas entre a época **neobabilônica** e a época **parta**, as únicas residências escavadas em Babilônia. Essas escavações possibilitaram ter uma ideia de aspetos materiais da vida dos antigos habitantes da cidade. Construídas em tijolos de argila crua, as casas desses quarteirões ocupam áreas entre 196 e 1.914 m² ao nível do solo (a superfície habitável é inferior, pois tem que se descontar o espaço ocupado pelas paredes). A área média é

aproximadamente 200 m². Isto ilustra uma sociedade muito hierarquizada mas sem grandes separações entre ricos e pobres.

Cada residência tem pelo menos 8 divisões e no máximo 20. São organizadas de forma característica em volta de um espaço central que pode ser aberto e de uma divisão de forma retangular, que dá acesso a outras salas cuja função é geralmente impossível de definir. Estas casas dispunham provavelmente de um andar (ou mesmo três ou quatro, a acreditar na descrição de Heródoto). Nas épocas **helenística** e **parta**, conservaram a mesma organização geral, mas os espaços centrais de algumas casas ricas foram reconstruídos para tomarem a forma de um **pátio peristilo**, o que testemunha uma influência grega.

O mobiliário encontrado nas casas é modesto: essencialmente louça em barro cozido, por vezes em pedra ou em vidro, bem como algumas placas e estatuetas em cerâmica, representando gênios ou demônios que sem dúvida teriam funções de proteção.

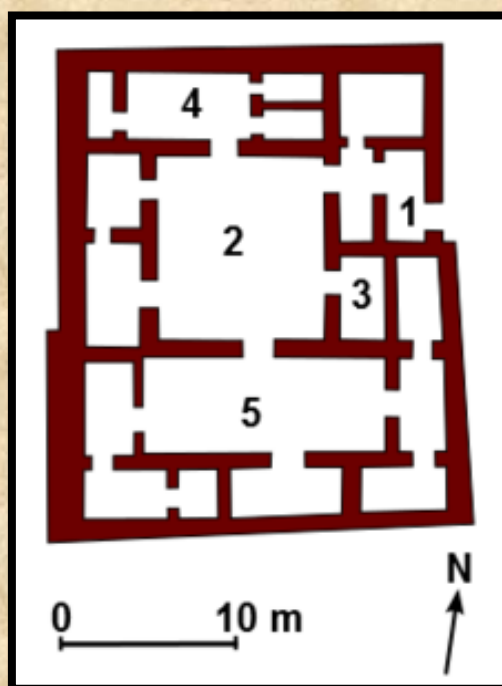
Os habitantes da Babilônia: economia e sociedade

Nas casas da **Babilônia** foram encontradas tábuas de argila escritas em cuneiforme, que lançaram alguma luz, ainda que limitada, sobre a vida quotidiana dos antigos habitantes da cidade, em particular sobre as atividades econômicas dos mais ricos. A vida dos habitantes da cidade mais povoada da antiga Mesopotâmia é por isso mal conhecida. A população da cidade era muito cosmopolita, com a vinda de deportados, mercadores, militares e de administradores da Síria do Levante e, mais tarde, de persas e de gregos.

Durante as escavações regulares e clandestinas foram encontrados vários conjuntos de textos que falam sobre as atividades privadas de famílias de notáveis dos períodos neobabilônico e aquemênida. Nas casas do **Merkes** foram achadas algumas tábuas com dados econômicos, provenientes de famílias de uma espécie de classe média, que versam

sobre compras imobiliárias, empréstimos e arrendamento de terrenos. Os lotes mais ricos provêm de escavações clandestinas e documentam os notáveis do bairro de **Suana**. O mais importante desses lotes é um de uma família de descendentes de alguém chamado **Egibi**, que é constituído por cerca de 1.700 textos datados entre os reinados de **Nabucodonosor II** (r. 605–562 a.C.) e de **Xerxes I** (r. 486–465 a.C.).

A primeira geração conhecida, cujo chefe de família se chamava **Sulaia**, prosperou comercializando localmente bens alimentares. A segunda geração foi dirigida pelo seu filho **Nabuaqueidina**, que recebeu uma ampla educação que lhe permitiu integrar a administração e tornar-se juiz real durante o reinado de **Nabonido** (r. 555–539 a.C.). O seu sucessor **Itimarduquebalatu** assegurou os interesses da família durante o domínio persa. O património da família (em sentido lato) é bem conhecido pelo texto da sua herança, partilhada entre três descendentes; é constituído por terrenos em Babilônia e nos arredores, até às cidades vizinhas de Borsipa e de Quis.



Planta de uma casa escavada no Merkes. 1-vestíbulo; 2-pátio principal; 3-lavabos; 4-cozinha; 5-divisões privadas.

(Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/f/f9/Maison_Merkes_Babylone.png/220px-Maison_Merkes_Babylone.png)

Pelos arquivos do mesmo período conhecem-se atividades similares de outras famílias, como a dos descendentes de **Nur-Sîn** e da dos descendentes de **Nappāhu**. Algumas dessas famílias tiveram uma ascensão social notável empreendendo diversas atividades, quer como titulares de cargos na administração real ou dos templos, nomeadamente na tomada de prebendas, serviços religiosos que davam direito a uma remuneração, quer em negócios privados, como empréstimos, aquisição de propriedades, operações comerciais etc.

Os estratos sociais mais baixos também não estão bem documentados. Dele devem ter feito parte dependentes (escravos ou não) permanentes das instituições (palácios e templos) que dominavam a vida econômica, além de trabalhadores livres que constituíam a mão de obra (uma espécie de proletariado) para os trabalhos oferecidos de forma temporária pelas instituições e pelas famílias ricas, nomeadamente na construção. Sabe-se que uma parte dos habitantes da cidade trabalhava na agricultura.

A cidade era o centro de diversas atividades econômicas que constituíam a base dos negócios das famílias notáveis, em primeiro lugar a agricultura praticada nos **campos cerealíferos** e nos **palmeirais-hortas** situados no exterior das muralhas. Estes terrenos eram os mais cobiçados pelos notáveis da cidade, pelo lucro que davam devido à sua proximidade do importante mercado de víveres que a cidade representava. Essas famílias dedicavam-se também à comercialização de produtos **agrícolas** provenientes tanto desses terrenos como de outros mais longínquos, usando a rede dos canais para o seu transporte. **Iddin-Marduk**, da família dos descendentes de **Nur-Sîn** montou uma rede de recolha e de encaminhamento para Babilônia das produções de camponeses estabelecidos nas proximidades de canais (sobretudo cereais, tâmaras, legumes). Babilônia era uma cidade comercial importante, que era um cruzamento regional e internacional graças às vias terrestres e

fluviais que a serviam. Os mercadores afluíam à cidade para se abastecerem de matérias primas raras vindas de paragens longínquas. Não obstante, o comércio regional e local eram os mais importantes. São conhecidos vários espaços comerciais importantes na cidade: o porto fluvial (**kāru**, "cais") e a ponte referida acima, além de uma parte do bairro de **Shuanna** em redor da "**Porta do Mercado**" (uma porta interior).

Práticas funerárias

No decurso das várias campanhas de escavação realizadas em Babilônia desde meados do século XIX foram postos a descoberto **túmulos** em vários locais. Eles cobrem um período que vai desde o período **neobabilônico** até ao fim do domínio **parta**. Os túmulos da época neobabilônica foram encontrados principalmente debaixo de residências, seguindo o hábito mesopotâmico de enterrar os defuntos da família sob a residência dos seus descendentes para manter a ligação entre mortos e vivos da comunidade, ligação essa que se manifesta notoriamente num culto dos mortos. Os mortos desse período eram colocados dentro de **sarcófagos de cerâmica**, alguns compridos e ovais, com uma tampa, e outros curtos, onde o cadáver era colocado numa posição flectida.

Durante o período **aquemênida** os túmulos são na sua maior parte em **fosso**. Durante os períodos **selêucida** e **parta**, tornou-se mais comum o enterramento em posição alongada do que em posição flectida e os túmulos em fossa tornaram-se minoritários em relação aos de **jazigo**. São conhecidos sarcófagos com a representação da forma da face do defunto no período selêucida. Os defuntos mais ricos eram geralmente enterrados em jazigos abobadados onde eram escavados nichos para acomodar o sarcófago.

O material funerário desses **túmulos** é diversificado e pode ser muito relevante arqueologicamente, apesar da maioria dos **túmulos**

desenterrados serem de famílias menos ricas e por isso apresentarem materiais simples (cerâmicas, ornamentos pessoais, estatuetas etc.).



Túmulo de Ciro I em Pasargada

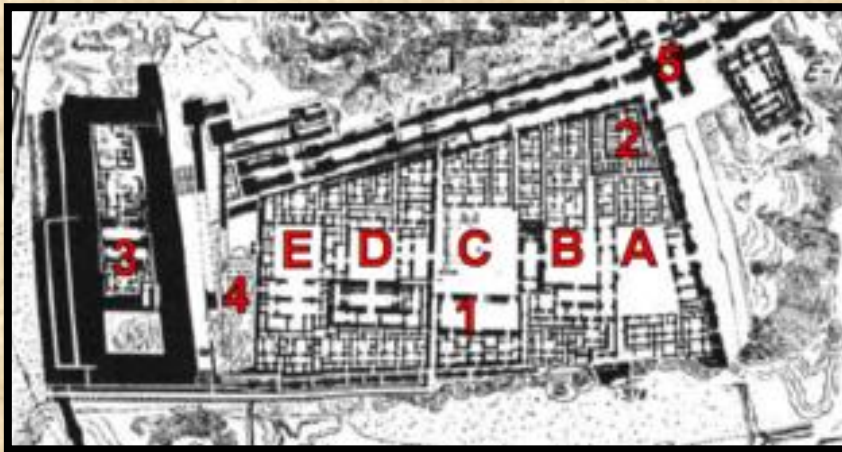
(Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/5/5e/Pasargadae%2C_Ir%C3%A1n%2C_2016-09-24%2C_DD_06.jpg/800px-Pasargadae%2C_Ir%C3%A1n%2C_2016-09-24%2C_DD_06.jpg)

Foram descobertos **túmulos** ricos do período parta no **tel Babil**. O túmulo mais notável que foi escavado em Babilônia foi o descoberto por Pacifique Delaporte em 1862, datado provavelmente do século I a.C. ou I d.C. Trata-se de uma **câmara funerária** abobadada que continha cinco corpos em sarcófagos, dois deles com máscaras de ouro sobre as faces. Entre o rico espólio encontrado, estão estatuetas em alabastro e divindades típicas daquele período, além de joias e de objetos antigos como selos cilíndricos que remontam ao 4.º milênio a.C.

Os monumentos do poder político

Antes da conquista persa, ocorrida em 539 a.C., **Babilônia** foi a capital do império mais poderoso do Médio Oriente, o que explica o seu crescimento. Os reis construíram ali vastos palácios que refletiam o seu poderio. Esses edifícios continuaram a ser utilizados pelo poder político depois da perda da autonomia da cidade, pois foram a residência de um governador importante e foram usados por reis, como **Alexandre**, o Grande, que pensava fazer da cidade a sua capital antes de morrer.

Os palácios de Nabucodonosor II



Mapa do palácio sul. A, B, C, D, E: pátios principais. 1: Sala do trono; 2: edifício abobadado; 3: bastião ocidental; 4: edifício persa; 5: Porta de Istar
(Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/bb/Sudburg_Babylon.png)

Na época de **Nabucodonosor II**, Babilônia tinha três palácios reais: dois no setor do **Kasr**, ao lado das muralhas e de bastiões, o "**Palácio Sul**" e o "**Palácio Norte**"; e outro isolado mais ao norte, no **tel Babil**, conhecido como o "**Palácio de Verão**". Só o primeiro foi devidamente explorado pelos arqueólogos, conhecendo-se mal os outros dois. Várias inscrições de fundação de **Nabucodonosor II**, que os restaurou ou reconstruiu, permitem conhecê-los um pouco melhor, mas não permitem saber com exatidão quais eram as funções exatas destes palácios e quais as ligações entre eles.

O "**Palácio Sul**" (Südburg na denominação dos arqueólogos alemães que escavaram a cidade), chamado "**Palácio do Maravilhamento do Povo**" nas inscrições de **Nabucodonosor II**, é o palácio real mais bem conhecido da Babilônia. Trata-se de um grande edifício de planta trapezoidal adossado à muralha interior, que mede 322×190 m. Era acessível através de uma porta monumental situada no lado oriental, que dá para a Via Processional, perto da **Porta de Istar**. O edifício, que tinha um andar superior, apresenta uma planta original: organizava-se em redor de cinco unidades arquiteturais que se sucediam de leste para oeste, cada

uma organizada em volta de grandes pátios que asseguravam a comunicação. Os pátios separavam cada uma das unidades em dois espaços distintos, um a norte e outro a sul, que por sua vez eram organizados em pequenas divisões em torno de espaços centrais. Aparentemente, as divisões da parte norte tinham uma função administrativa, enquanto as da parte sul constituíam os apartamentos reais.



Uma das decorações em tijolos vidrados das paredes da sala do trono do Palácio Sul: palmeiras, motivos florais, cavalos e leões.

(Fonte: https://st2.depositphotos.com/3646493/6759/i/600/depositphotos_67599577-stock-photo-babylonian-city-wall-in-pergamon.jpg)

O **terceiro pátio**, no centro do edifício, é o maior de todos (com 66×55 m) e abre-se por três portas pelo lado sul para a sala do trono. Esta grande divisão retangular, com 52×17 m, comportava um pódio para o trono no seu centro. As suas paredes eram decoradas com tijolos vidrados representando leões, palmeiras estilizadas e motivos florais. Uma outra parte notável do palácio é o "**edifício abobadado**", situado a nordeste, que mede cerca de 50×40 m e tem paredes espessas, que deve ter sido uma espécie de armazém. Foi ali que foi descoberto o único lote de arquivo palaciano notável da época neobabilônica, datado de 595 a 570 a.C., constituído por um conjunto de tábuas com registo das entregas e distribuição de produtos para as rações alimentares de cereais, tâmaras e azeite distribuídas aos dependentes do palácio. Entre estes encontram-se

famílias reais deportadas para a Babilônia, nomeadamente **Jeconias de Judá**, preso na sequência da tomada de Jerusalém em 597 a.C., que é mencionado na Bíblia.

Na extremidade ocidental do Palácio Sul, **Nabucodonosor** mandou construir o chamado **Bastião Ocidental**, um edifício de forma retangular com paredes muito espessas (18 a 20 m), em parte no leito do rio, cujo curso obstruía, o que obrigou a alterações no cais.



Simulação de como era a Babilônia.

(Fonte: <https://i0.wp.com/www.eismaqui.com.br/wp-content/uploads/2021/05/babilonia.jpg?fit=645%2C388&ssl=1>)

O chamado "**Grande Palácio**" (Hauptburg) ou "**Palácio Norte**" foi igualmente construído na época de **Nabucodonosor II** num alto sobre as muralhas imediatamente a norte do Palácio Sul. Assentado sobre um terraço, formava uma espécie de cidadela de planta retangular com 170 a 180 m por 115 a 120 m. Era menor do que o **Palácio Sul** e nele foram identificados dois grandes. Foi no Palácio Norte que foi encontrado um tesouro de guerra dos reis babilônicos, constituído por estátuas, estelas e outras obras levadas para a cidade na sequência de campanhas militares. As inscrições de **Nabucodonosor** parecem indicar que o edifício foi concebido como um espaço de lazer, ou seja, um verdadeiro palácio que servia de residência real. Possivelmente tratava-se mesmo da residência real principal, enquanto o Palácio Sul teria funções mais administrativas.

A mais de dois quilômetros ao norte do **Kasr**, à beira do Eufrates, no atual **tel Babil**, os arqueólogos desenterraram um edifício a que chamaram Palácio de Verão (Sommerpalast), devido ao fato das salas parecerem ser ventiladas por uma espécie de poços de vento, que serviriam para refrescar as divisões interiores nos períodos de calor intenso. Erigido no final do reinado de **Nabucodonosor II**, as inscrições indicam que tinha uma função principalmente defensiva, ao norte da muralha exterior construída pouco tempo antes. Dele mais não restam do que os alicerces, que deixam perceber um edifício de planta quadrada com 250 m de lado, organizado em redor de dois vastos pátios, que foi reconstruído em várias ocasiões depois da época neobabilônica.

Os "Jardins Suspensos"



Visão artística dos Jardins Suspensos da Babilônia.

(Fonte: <https://notaterapia.com.br/wp-content/uploads/2021/04/jardins-suspensos-da-babilonia-o-que-foram-e-porque-foram-criados-1.jpg>)

Desde as primeiras campanhas de escavações que se procura a "maravilha do mundo" da Babilônia — os **Jardins Suspensos**, descritos por **Beroso** (século III a.C.) e **Diodoro Sículo** (século I a.C.). Segundo uma das versões desses relatos, tais jardins teriam sido construídos por **Nabucodonosor II** para a sua esposa meda **Amitis**, que tinha saudades

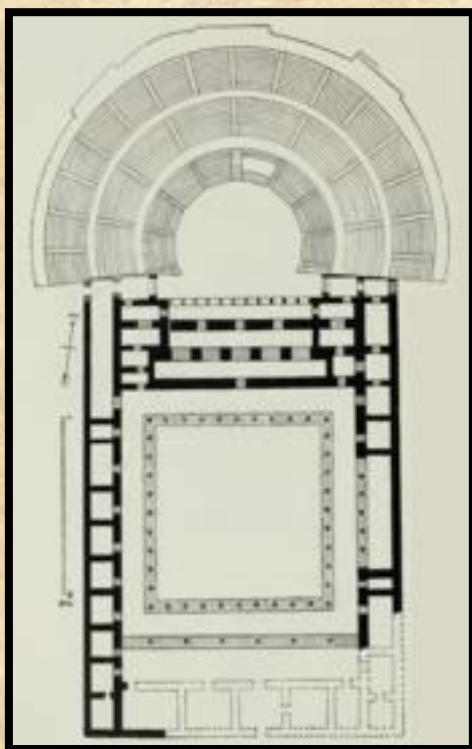
do seu país natal verdejante. Não foi encontrada qualquer menção a tal estrutura nas numerosas inscrições de fundação do grande rei babilônico, pelo qual a sua identificação não tem sido possível. Foram procurados vestígios dos jardins no setor palaciano do **Kasr**, seguindo as descrições encontradas nos textos antigos, privilegiando as construções de paredes espessas, adequadas para suportar as pesadas estruturas dos jardins, e os edifícios cujas funções não estão devidamente identificadas. R. Koldewey propôs que os jardins se situariam sobre o "edifício abobadado" que tinha poços que poderiam servir para os irrigar, mas esta interpretação é atualmente rejeitada. As identificações mais verossímeis são as que os situam, em parte ou na totalidade, sobre o **Bastião Ocidental**. Segundo esta hipótese, apoiada por exemplo por Donald Wiseman e Julian Reade, os jardins seriam irrigados pela nascente existente no Bastião Oriental, uma construção que foi identificada como uma fortaleza pelos arqueólogos alemães mas que outros arqueólogos identificaram posteriormente como sendo um vasto depósito de água.

Ante a impossibilidade de encontrar uma prova determinante da existência dos **Jardins Suspensos da Babilônia**, Stephanie Dalley propôs que fossem procurados em Nínive, onde os textos de fundação descrevem longamente grandes jardins e foi descoberto um baixo-relevo que os poderia representar. Esta reinterpretação não tem aceitação generalizada e está longe de ter posto termo à controvérsia, pois não há qualquer menção histórica explícita a jardins suspensos em Nínive e nada permite excluir a sua presença na Babilônia.

Há também quem sugira que as descrições dos monumentais jardins suspensos derivam todas de um texto antigo que descrevia os jardins reais babilônicos de forma exagerada que teria servido como fonte única dos autores posteriores cujos escritos chegaram até nós. De fato, a única certeza é que existiam realmente jardins reais na Babilônia como existiam nas capitais da Assíria, nomeadamente os que são mencionados numa

tábua do reinado de **Merodach-Baladan II** (r. 722–703 a.C.), que enumera as diversas plantas que cresciam num dos vários jardins, que em alguns casos eram provenientes de regiões longínquas.

Os locais do poder político sob domínio estrangeiro



Planta do teatro grego na Babilônia

(Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/2/22/Griechischen_Theater_Babylon.png/170px-Griechischen_Theater_Babylon.png)

Após a conquista da Babilônia pelos **persas**, os palácios reais passaram a ser ocupados permanentemente por um governador e pela sua administração, além de em algumas ocasiões também terem sido usados com residência pelos reis **Aquemênida** quando eles se instalavam na cidade.

Como referido antes, os níveis conhecidos do **Palácio Sul** são geralmente atribuídos aos reis neobabilônicos, mas uma parte do edifício data possivelmente do período **Aquemênida**. A única construção da época **persa** claramente identificada nesse palácio pelos arqueólogos que escavaram o local é o "**Edifício Persa**" (Perserbau), construído sobre um terraço localizado a oeste, entre o palácio e o Bastião Ocidental, que é

acessível a partir do primeiro por uma porta que dá para uma esplanada. Trata-se de um edifício com 34,8 por 20,5 m, erigido sobre um terraço artificial, cujas estruturas são pouco visíveis. Segundo a reconstrução dos arqueólogos, a sua entrada era um pórtico com colunas que abria para um hipostilo. Ali foram encontrados fragmentos de decoração em tijolos vidrados representando guerreiros e rosetas reminiscentes das dos palácios persas de **Susa** e de **Persépolis**.

Depois da conquista do **Império Persa por Alexandre**, este residiu durante algum tempo num dos palácios da Babilônia, onde morreu. Os **selêucidas** que dominaram a região após a morte de Alexandre estabeleceram a sua capital mesopotâmica em **Selêucia do Tigre** mas continuaram a habitar os palácios reais da Babilônia em algumas ocasiões, como foi o caso de **Antíoco I**, que residiu em Babilônia quando era o príncipe herdeiro. O de **Babil** foi reconstruído nessa época, tendo sido dotado de um pátio com peristilo e é provável que o mesmo tenha acontecido com o palácio do **Kasr**.

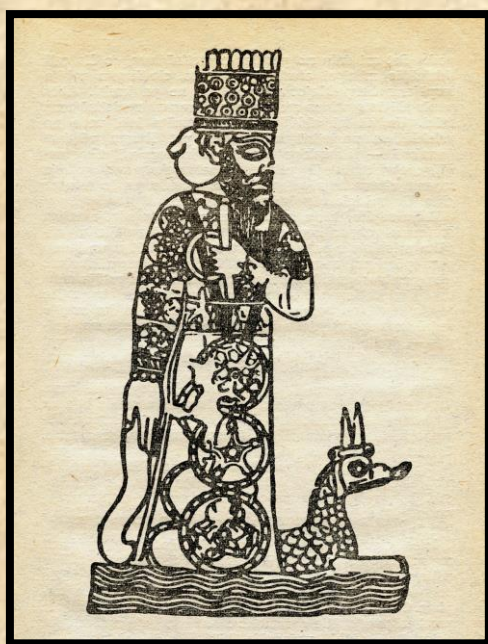
No período **parta**, o palácio de **tel Babil** foi convertido numa fortaleza com paredes espessas. As autoridades políticas locais dos períodos **selêucida** e **parta** ocuparam novos locais. A comunidade dos cidadãos gregos reunia-se no teatro construído na parte nordeste, na "cidade nova", um vasto edifício cujas bancadas foram construídas sobre um aterro (o **tel Homera**), aparentemente constituído por detritos desenterrados durante as obras de **terraplenagem** empreendidas para a reconstrução do zigurate durante o reinado de **Alexandre** e dos primeiros monarcas selêucidas. É confinado a sul por um vasto edifício com um pátio com colunas, erigido aproximadamente entre o fim do período selêucida e o início do período parta, que é identificado como um **ginásio** ou uma **ágora**. O órgão de governo que dirigia a comunidade babilônica autóctone, o conselho nomeado pela administração do templo do **Esagila** liderado pelo administrador deste último, reunia-se no "**Edifício das Deliberações**" (Bīt

milki), situado num parque urbano conhecido como "**Pomar dos Zimbros**" (GIŠ.KIRI₆ ŠEM.LI), que se localizaria na parte sul da cidade, perto da **Porta de Urash** e onde também havia templos.

Uma capital religiosa

A "**Porta dos Deuses**" tornou-se progressivamente o principal centro religioso da Mesopotâmia, um processo evolutivo que é difícil não colocar em paralelo com a afirmação da cidade como maior capital política da parte sul do que era a região mais esplendorosa nos planos cultural e político. O clero do **Esagila**, certamente apoiado pelo poder real, elevou gradualmente o deus **Marduque** ao estatuto de principal deus do panteão mesopotâmico graças a uma produção teológica impressionante. Os santuários deste deus tornaram-se o conjunto mais vasto e mais prestigiado da Mesopotâmia antiga e a afirmação da Babilônia como cidade santa teve também repercussões no desenvolvimento de muitos outros santuários. Tudo isso deu origem a uma vida religiosa e intelectual muito dinâmica.

Marduque e o panteão babilónico



O deus Marduque e o seu animal-símbolo, o mušhuššu (dragão-serpente)

(Fonte: <https://oziguratecombr.files.wordpress.com/2021/03/marduk-e-mushussu.jpg>)

A divindade tutelar da Babilônia era **Marduque**, cujas origens são obscuras e que foi gradualmente elevada ao topo do panteão da Mesopotâmia, com o apogeu da realeza babilônica triunfante e pelo clero do **Esagila**, durante a segunda metade do 2.º milênio a.C. Trata-se sem dúvida de uma divindade originalmente **agrária**, como ilustrado pelo fato de que tem uma pá como atributo. Tornou-se um deus padroeiro do exorcismo, tendo sido assimilado ao deus **Asalluhi**.

Com a afirmação da Babilônia como potência política com a qual **Marduque** era identificado, pois ele era considerado o seu verdadeiro rei, toma o aspeto de deus soberano e concentra grandes poderes na teologia, que se baseia nomeadamente na "**Epopeia da Criação**" (Enūma eliš).

Por vezes é chamado **Bēl** ("Senhor"), o seu nome entra na composição de numerosos nomes de pessoas da Babilônia, atestando a sua popularidade na cidade, mais forte do que noutras grandes cidades da Baixa Mesopotâmia que conservavam muito reverência pelas suas divindades locais.

Nas relações com os outros deuses, **Marduque** é considerado um filho de **Ea** e de **Danquina**; a sua consorte é **Sarpanitu** (por vezes chamada Bēltiya), uma deusa sem personalidade própria, que só existe através do seu esposo.

O filho de ambos é **Nabu**, deus da sabedoria e divindade tutelar da cidade vizinha de **Borsipa**, mas que também tinha locais de culto em Babilônia.

A outra grande divindade da cidade era **Istar da Babilônia**, conhecida também pelo epíteto de "**Senhora da Babilônia**"(Bēlet Bābili), hipóstase local da grande deusa mesopotâmica **Istar**, que tinha o papel de protetora das defesas da cidade.



Deusa Istar

(Fonte: https://3.bp.blogspot.com/-F2_KUluTS74/Vt9SltT0DDI/AAAAAAAAAp_U/5mTrXu2bSpE/s1600/Deusa%2BIstar.jpg)

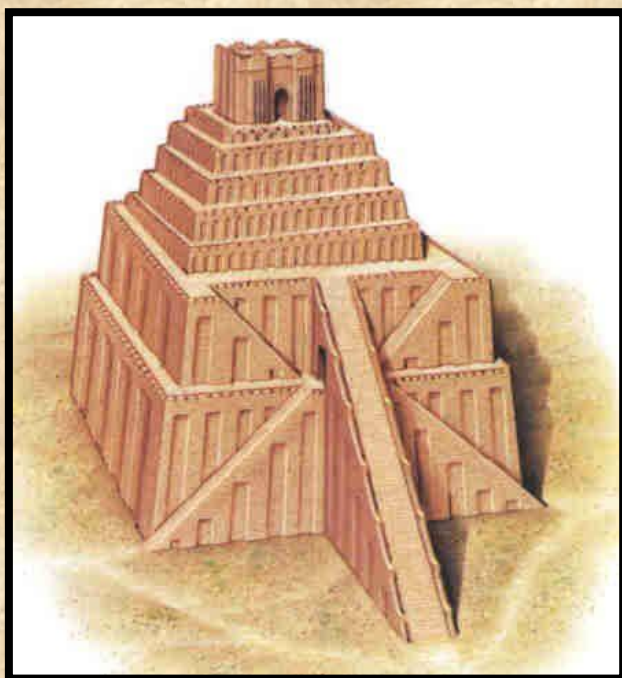
O santuário de Marduque

O conjunto religioso principal da Babilônia é o que é dedicado ao deus da cidade, **Marduque**, chamado **Esagila** (em sumério: É.SAG.ÍL, que significa algo como "casa da cabeça alta", um termo que podia designar apenas o templo na parte inferior do complexo ou o conjunto do santuário, com o zigurate incluído).

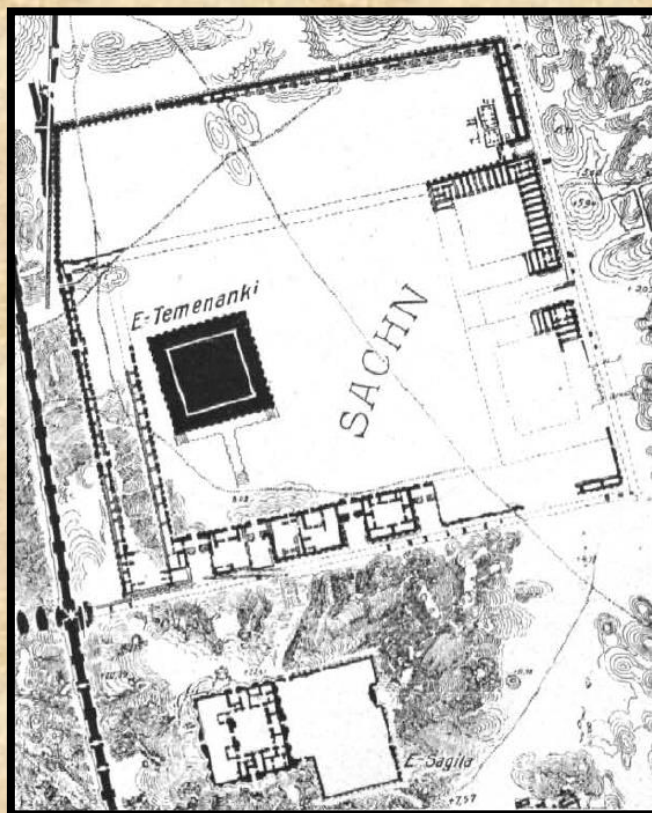
Os arqueólogos apenas puderam escavar uma parte do templo devido ao fato de que onde ele se encontra, **Amran ibn Ali**, ser ocupado por uma mesquita, o que limita as explorações. As áreas escavadas do antigo templo foram a parte ocidental, o pátio central para onde se abriam as celas das divindades e algumas das salas que o rodeavam. A parte oriental só foi estudada através de escavações em túnel nas quais foi descoberto o contorno do edifício nesse lado.

Alguns textos antigos, — sobretudo a "**Tábua do Esagila**", um texto metrológico do qual foi descoberta uma cópia do século III a.C. mas cujo original certamente que datava do período neobabilônico, — permitiram completar os conhecimentos sobre as partes não escavadas, não só a área

oriental, mas também os apartamentos de **Marduque**, o local mais importante do santuário.



Um esquema da reconstituição do Etemenanki (o zigurate da Babilônia)
(Fonte: <https://feedobem.com/wp-content/uploads/2022/03/1e70f0c3eeac96cdea0f3d8e9bbcbd03.jpg>)



Planta das áreas escavadas no complexo de Marduque, com o Esagila a sul e o Etemenanki a norte, dentro dum grande espaço muralhado
(Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/07/Etemenanki_plan.png)

O **Esagila** era constituído por um primeiro ante pátio com cerca de 103 por 81 m, rodeado por um primeiro conjunto de salas, acessível por uma porta monumental situada no lado oriental. Esse era o local onde se reunia a assembleia de deuses presidida por **Marduque** durante a festa de Ano Novo (Akitu). Este primeiro pátio dava para o pátio superior ("**Pátio de Bel**", ou seja de Marduque), que media 37,6 por 32,3 m e que foi escavado. Este pátio estava rodeado de salas que constituíam os apartamentos das divindades que residiam no templo (nomeadamente **Sarpanitu**, a esposa de Marduque, e o seu filho **Nabu**), o que o tornava uma espécie de pátio do rei dos deuses. Este conjunto constituía o corpo principal do templo, que tinha um perímetro de 85,59 por 79,3 m. A cela de **Marduque** era ricamente decorada e tinha numerosas oferendas. A estátua do deus, que se acreditava ser habitada pelo próprio deus, era esculpida em madeira preciosa e envergava ricas roupas e joias. O **Esagila** estendia-se também a sul do primeiro pátio, numa unidade organizada em torno de um terceiro pátio, dedicado aos deuses **Istar** e **Zababa**, e cujas dimensões eram, segundo a "**Tábua do Esagila**", 95 por 41 m.

A 90 m a norte do Esagila erguia-se o zigurate **Etemenanki** (É.TEMEN.AN.KI; "Casa da Fundação do Céu e da Terra"), que passou à posteridade com o nome de **Torre de Babel**.

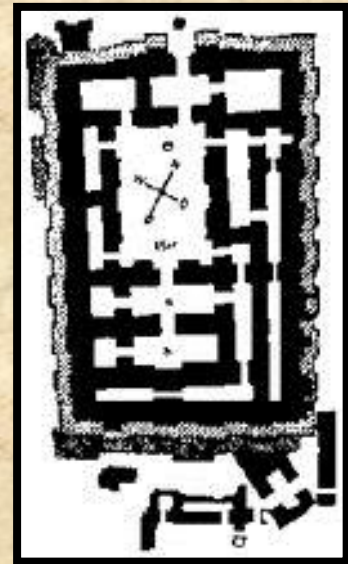
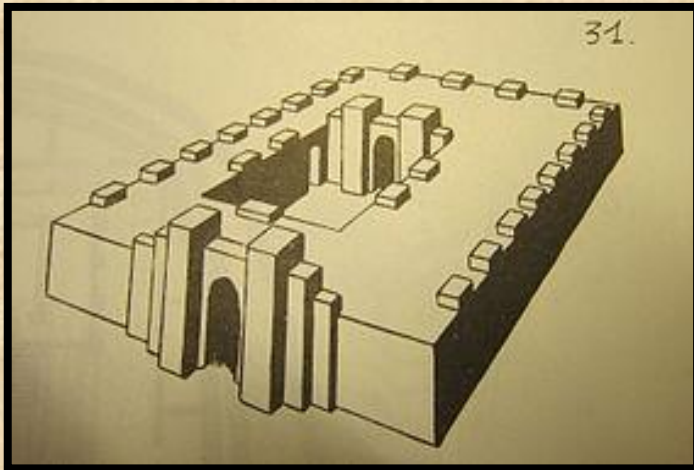
Foi construído num recinto com 460 por 420 m, que ocupava uma parte considerável do centro da cidade. O recinto muralhado incluía duas unidades arquitetônicas, organizadas em redor de um pátio situado a leste, ao lado da porta monumental que dava para a **Via Processional**, além de diversas divisões a sul. Os arqueólogos não têm dúvidas de que se tratava do setor administrativo do santuário de **Marduque** — o **Esagila** tinha vastas propriedades e empregava muita gente. O zigurate propriamente dito desapareceu na Antiguidade e só as suas fundações (batizadas Sahn ["fogão"]) durante as escavações devido à sua semelhança com aquele utensílio de cozinha) puderam ser escavadas. Além dessas escavações, os

únicos dados de que se dispõem para ter uma ideia de qual seria o seu aspeto são os que constam da "**Tábua do Esagila**", que mencionam as dimensões e uma representação do edifício numa estela.

A base do zigurate era quadrada, com cerca de 91 m de lado, e uma escadaria monumental conduzia ao cimo no lado sul. Foram encontrados vestígios dessa escadaria ao longo de 52 m. A torre tinha sete andares, que na prática eram seis terraços empilhados de tamanho sucessivamente menor, que suportavam um templo no alto (**šahuru**). Segundo a "**Tábua do Esagila**", tinha 90 m de altura, mas este número é considerado fantasioso e as estimativas mais recentes apontam para uma altura de cerca de 60 m. O seu nome indica que o edifício simbolizava uma espécie de ligação entre a Terra, o mundo dos humanos, e o Céu, o mundo dos deuses, além de simbolizar o centro do mundo e o local onde **Marduque** o tinha criado.

Depois do período neobabilônico, os edifícios do santuário passaram por várias peripécias. O **Esagila** continuou a ser o principal local de culto da cidade. A possibilidade de ter sido destruído durante a repressão de uma revolta durante o reinado de **Xerxes I** é tema de debate, mas é evidente que ele continuou a funcionar. O zigurate pode ter sido destruído durante aqueles eventos. Em todo o caso, os textos que se referem ao período de **Alexandre** e ao início do domínio **selêucida** apresentam o complexo como estando em mau estado. O templo baixo, sem dúvida restaurado, ainda funcionava, ao passo que o zigurate foi nivelado com a intenção que acabou por nunca se concretizar de o reconstruir. Através de menções de outros autores gregos e latinos e de textos cuneiformes sabe-se que funcionava nos séculos I e II d.C.

Outros templos



Planta (à direita) e proposta de reconstituição do É.MAH, o templo de Ninmah, situado perto da Porta de Istar e de planta dita "babilônica"

(Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/e/ed/Ninmach_1.JPG/280px-Ninmach_1.JPG)

O **Tintir** menciona os nomes de 43 templos situados no interior da Babilônia, dos quais 13 se encontravam no "bairro sagrado" de **Eridu**. Havia divindades que tinham vários templos: são mencionados cinco de **Istar** e três de **Nabu**. Foram escavados e identificados oito desses templos na parte ocidental da cidade interior, fora do complexo principal. São de diversas dimensões e isolados da área urbano, mesmo quando em alguns casos foram construídos em bairros residenciais, como o templo de **Istar de Acádia** escavado no **Merkes**. Seguem a planta típica dos templos locais, chamada "babilônica", também observada no templo de **Marduque** e que tem reminiscências das residências humanas: uma porta que se abre para um pátio, que por sua vez leva a uma ante cela (vestíbulo) e depois à cela da divindade principal do santuário, uma capela ao fundo da qual se encontrava um nicho destinado a receber a estátua de culto. Várias salas rodeavam os espaços destinados à circulação. As portas principais podiam ser abobadadas. O pátio do templo de **Nabu ša harê** estava coberto de betume e as suas paredes apresentavam uma decoração sumária em branco e preto. O **bīt akītu**, o templo onde decorriam as cerimônias finais da festa do **akītu**, situava-se fora da muralha interior. É possível que as

suas ruínas sejam as que foram escavadas por arqueólogos nos anos 1960, quando foi descoberto um complexo arquitetônico situado a norte do Kasr.

Culto religioso



Leões representados nos tijolos vidrados da Porta de Istar, animal-símbolo da deusa Istar.

(Fonte: <https://pt-static.z-dn.net/files/de3/ca1e6afa96aee392d816865b82959e1c.jpg>)

Os **templos da Babilônia** eram centros de intensa atividade, pois neles decorria o culto quotidiano das divindades que albergavam, que passava por alimentar simbolicamente e vestir a estátua, além de oferendas acompanhadas de rituais. Tais atividades justificavam a presença de uma categoria importante de pessoal de culto, os **erīb bīti**, as únicas pessoas autorizadas a entrar no espaço sagrado do santuário e a ali realizar os rituais. O culto requeria também a participação de outros tipos de pessoal mais numeroso, nomeadamente o que fornecia alimentos e objetos de culto. Para levar a cabo essas tarefas, os **templos** dispunham de patrimônio constituído por terras, oficinas e outros bens, provenientes sobretudo de ofertas, com destaque para as dos reis, que eram igualmente quem empreendiam os trabalhos de restauro mais importantes. Toda esta

organização explica o fato dos santuários terem sido também centros econômicos importantes, em redor dos quais gravitava uma parte considerável da população da cidade e dos campos em volta.

O **calendário litúrgico** da Babilônia estava repleto de feriados religiosos mais ou menos regulares, alguns de frequência mensal e outros anuais, mais excepcionais. A principal festa religiosa era o **akītu**, realizado no **Ano Novo**, no equinócio da primavera (21 de março), que durava 12 dias e exigia a presença em pessoa do rei.

Durante essa festa, as estátuas de culto das grandes divindades da cidade reuniam-se no **Esagila** onde prestavam homenagem a **Marduque**, antes de se reunirem no **bīt akītu**.

A "**Epopéia da Criação**" era recitada para recordar os grandes feitos desse deus durante uma procissão que percorria a cidade. O rei renovava simbolicamente o seu mandato. Esta festa, aparentemente grandiosa, tinha como objetivo celebrar a renovação da natureza na primavera, mas também afirmar a forte ligação entre o grande deus **Marduque** e o **rei**, considerado o seu representante na terra. Ela requeria a presença da estátua do deus e do soberano, o que não era possível em períodos de instabilidade ou após derrotas militares que tivessem envolvido a captura da estátua pelo inimigo, o que constituía um grande infortúnio.

Na cidade eram também celebrados outros feriados importantes, como por exemplo um ritual de "**casamento sagrado**" (**hašādu**) entre **Marduque** e **Sarpanitu**, ou outro que no qual era representado um **Marduque** infiel perseguindo **Istar** enquanto ele próprio era seguido pela sua esposa legítima.

Local de conhecimento



Inscrição cuneiforme de Nabucodonosor descrevendo a reconstrução da muralha exterior da Babilônia.

(Fonte: https://apaixonadosporhistoria.com.br/img/galeria/artigo_73_20180930045108_185125402.jpg)

A função de culto e os recursos econômicos dos templos fizeram com que eles se tornassem os principais centros de cultura da **Babilônia**. Vários templos produziram **tábuas** com informações técnicas e científicas, outras com obras literárias, que podem ter constituído acervos de manuscritos que podem ser caracterizados como bibliotecas. Também foram encontrados textos do mesmo tipo em residências privadas de pessoas letradas (que de qualquer forma trabalhavam para os templos), que em alguns casos serviam também como **escolas de escribas**. O lote mais importante desse tipo de textos foi o descoberto em 1979 no templo de **Nabu ša harê**, o deus que representava a sabedoria e que era o padroeiro dos letrados. É constituído por mais de 2.000 **tábuas** escolares que formam um depósito votivo oferecido ao deus pelos escribas aprendizes. Outras duas **tábuas** rituais encontradas num forno podem indicar a existência de uma biblioteca no templo.

O principal local de conhecimento da Babilônia era o **Esagila**, não obstante nele terem sido encontradas muito poucas **tábuas** fazendo alusão a atividades intelectuais comparativamente às descobertas relativas ao mesmo período em **Nínive** e em **Uruque**, que eram centros de conhecimento de nível comparável. É evidente que o templo albergava

uma **biblioteca** e um grupo de letrados, constituído por sacerdotes especializados em várias disciplinas (astrônomos/astrologos, adivinhos, exorcistas, etc.).

As **tábuas em cuneiforme** mostram como o corpo de letrados do templo eram recrutados e mantidos entre o fim do período **aquemênida** e o período **helenístico**. Um texto descreve o recrutamento de um astrólogo/astrônomo: ele ocupava o cargo exercido pelo seu pai, o que era corrente entre os letrados da época, mas devia passar num exame perante o conselho do templo para provar as suas competências. Era remunerado com um salário anual e um terreno que lhe era concedido. Eram-lhe atribuídas obrigações: fazer as **observações celestes**, redigir textos técnicos, sem dúvida almanaques ou efemérides característicos da ciência que conhecia então o maior desenvolvimento na Babilônia. Esta organização era também aplicada nas outras especialidades e pode ter inspirado os gregos quando eles criaram a **Biblioteca de Alexandria** e o seu **Μουσειον** (Museion, "Museu") seguindo princípios que apresentam semelhanças com a organização do **Esagila**.



Amuleto para esconjurar epidemias com um trecho da "Epopéia de Erra", encontrado em Assur, datado de c. 800–612.

(Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/e/e3/Amulet_to_ward_off_plague.jpg/170px-Amulet_to_ward_off_plague.jpg)

Várias obras da literatura mesopotâmica (em sentido lato, incluindo textos rituais e técnicos) são atribuíveis ao **clero da Esagila**. Pode estimar-se que os grandes textos exaltando **Marduque** ("Epopeia da Criação", **Enūma eliš**) e a importância da cidade (**TINTIR=Babilu, Tábua do Esagila**) são da sua autoria, bem como os textos rituais ligados ao culto do grande deus babilônico e ainda várias crônicas históricas centradas em Babilônia ou nos seus templos e o texto sapiencial "**Ludlul bel nemeqi**" ("Louvarei o Senhor da Sabedoria", também conhecido como "Monólogo do Justo Sofredor"), um lamento em verso dirigido ao deus por um homem atingido pela injustiça.

Certos textos são atribuídos a autores cujo nome remete ao templo ou ao deus e que eram manifestamente sacerdotes do templo, como a "**Epopeia de Erra**", de **Kabti-ilani-Marduk**, um relato que procura explicar o período caótico pelo qual passou Babilônia no início do 1.º milênio a.C. pelo abandono da cidade pelo seu grande deus **Marduque**, enganado pelo deus **Erra**, que personificava a guerra no seu aspeto destruidor; ou a "**Teodiceia Babilônica**", um texto sapiencial redigido por **Esagil-kina-ubbib** em forma de uma discussão entre dois indivíduos sobre as relações entre deuses e homens.

O exemplo melhor conhecido dos letrados do **Esagila** é **Beroso**, que no início do século III a.C. escreveu "**Babyloniaka**", uma obra em grego da qual apenas nos chegaram citações e resumos, que visava apresentar a tradição babilônica a um público letrado grego. Para escrever a sua obra, **Beroso** serviu-se das tábuas disponíveis na biblioteca do **Esagila**. Segundo os elementos biográficos conhecidos, ele teria terminado a sua vida a ensinar astronomia e astrologia na ilha grega de Cós a gregos e sabe-se que estes reconheciam a grande mestria que os babilônios tinham atingido nesse domínio.

O **Esagila** e os **templos da Babilônia**, juntamente com os de **Uruque**, foram os últimos locais onde se sabe que o conhecimento da

Mesopotâmia antiga foi transmitido depois do período helenístico. Foi em Babilônia que foi descoberta a tábua em cuneiforme mais recente, que de forma muito significativa, é um almanaque astrológico, datado de 74 ou 75 d.C.

Nas civilizações antigas

Na Mesopotâmia



Mapa-múndi babilónico do século VII a.C., onde Babilônia figura no centro.

(Fonte: <https://1.bp.blogspot.com/-hEhcYQesGa4/XeOny86O2qI/AAAAAAAAEbU/WzDA78Zdyi81k7X7cWrl8znGVIhajXYRQCLcBGAsYHQ/s1600/MAPA%2BBABIL%25C3%2593NICO%2BDEL%2BMUNDO%2BIMAGEN%2B1.jpg>)

A ascensão política da **Babilônia** foi progressivamente transportada para o domínio religioso e mitológico na Mesopotâmia antiga, sobretudo devido à instigação dos letrados dos templos da cidade, em primeiro lugar do **Esagila**. Isso conjuga-se com a afirmação da preeminência de **Marduque** como rei dos deuses, que se manifesta na redação do século XII a.C. da "**Epopéia da Criação**".

Este relato mitológico descreve como **Marduque** se tornou o rei dos deuses sendo o único capaz de salvá-los da ameaça representada por **Tiamat**, ancestral de todos eles que simbolizava o caos. Depois da sua vitória, **Marduque** criou o mundo com o cadáver de **Tiamat** e no seu centro, no local onde se juntavam o Céu e a terra, instalou os grandes

deuses em **Babilônia**, a sua cidade que eles construíram, começando pelo seu grande templo. Esta ideia segundo a qual **Babilônia** era o centro do mundo encontra-se igualmente numa **tábua** que representa um mapa-múndi babilônico no qual a cidade aparece no seu centro.

O estatuto mítico da **Babilônia** transparece nos diversos textos topográficos relativos aos seus monumentos religiosos, como o **Tintir**, que mostra a que ponto o espaço da cidade é marcado pelo sagrado, ou a **Tábua do Esagila**, que informa das dimensões do **zigurate Etemenanki** com números simbólicos. Este último representava o centro do mundo no local onde ele foi criado e onde se ligam o Céu e a Terra (esse é o significado do seu nome). Essa função de capital do cosmos estendia-se a toda a cidade, pois entre os epítetos que a ela se aplicavam encontra-se um "**Lugar entre o Céu e a Terra**".

Autores greco-romanos

Os autores **gregos** e **latinos** foram testemunhas da decadência da **Babilônia** mas preservaram a recordação da sua grandeza, dando uma imagem amplamente mitificada que sem dúvida refletia mal a realidade com que foram confrontados aqueles que realmente visitaram a cidade. O primeiro desses autores a deixar uma descrição foi **Heródoto**, na primeira metade do século V a.C., seguido por **Ctésias** no fim do mesmo século. Ambos descrevem uma cidade gigantesca, sem dúvida a maior do mundo que eles conheciam no seu tempo, e evocam grandes monumentos, nomeadamente as muralhas. **Ctésias** menciona ainda a sua outra maravilha, os **Jardins Suspensos**, e atribui a fundação a **Semíramis**. Esse topo da Babilônia como megalópoles encontra-se também, com os seus monumentos e soberanos lendários, por vezes com confusões com a história da vizinha **Assíria**, nos autores dos séculos da viragem da nossa era como **Estrabão**, **Flávio Josefo** e **Plínio, o Velho**, todos relatando o seu passado prestigioso e o fato da cidade ter caído em ruínas.

Na Bíblia hebraica e no Novo Testamento cristão

Na **Bíblia hebraica** e a sua versão cristã (o Antigo Testamento) há várias passagens nas quais **Babilônia** ocupa um papel importante. A primeira é a descrição da **Torre de Babel**, relatada no Gênesis, onde Babel remete a Babilônia, sendo a torre uma manifesta derivação do **zigurate** da cidade cujas primeiras testemunhas podem ter sido os exilados judeus na **Babilônia**. Este relato conta como os habitantes da cidade de **Babel** do país de **Shinear**, fundada pelo primeiro rei **Nimrod**, erigiram uma torre com o objetivo de atingir o Céu, mas "**o Eterno**" impediu-os de o fazer, lançando a confusão entre eles fazendo-os falar várias línguas, de forma a que eles deixassem de se compreender uns aos outros.

Babilônia aparece também nos livros da **Bíblia** mais próximos da realidade histórica, nomeadamente o **Segundo Livro dos Reis**, que relata as vitórias de **Nabucodonosor II** sobre o **Reino de Judá**, e o **Livro de Jeremias**, que fala sobre os mesmos acontecimentos, evocando o princípio da deportação para a Babilônia. Nestes textos transparece uma imagem ambígua da Babilônia. Por um lado, ela é a cidade odiada, capital do reino dominador e orgulhoso que deportou os judeus e os forçou ao exílio doloroso e à melancolia do país de origem "**nas margens de rios da Babilônia**" (Salmo 137), mas por outro lado por vezes **Babilônia** e **Nabucodonosor** são também apresentados como instrumentos da vontade divina. A imagem negativa da cidade é retomada no **Novo Testamento dos cristãos**, nomeadamente por ser assimilada a **Roma**, a nova potência dominadora e perseguidora. No Apocalipse de São João, a "**Grande Prostituta**" tem o nome da **Babilônia** e a cidade é citada várias vezes como símbolo do mal e do engano.

A memória de Babilônia depois do seu fim

A recordação longínqua de uma grande cidade



A construção da Torre de Babel.

(Fonte: <https://cdn.culturagenial.com/imagens/1279px-pieter-bruegel-the-elder-the-tower-of-babel-rotterdam-google-art-project-edited-cke.jpg>)

Depois do desaparecimento da **Babilônia**, a maior parte dos testemunhos diretos referentes à cidade foram em grande medida esquecidos durante a Idade Média, quando a imagem da cidade se deformou ainda mais. As fontes bíblicas constituíam então o essencial da documentação de base que estava disponível. Os territórios que outrora tinha estado sob o domínio babilônico pertenciam agora a estados muçulmanos e vários autores de língua árabe e persa, sobretudo geógrafos e historiadores, preservaram a memória do local das ruínas da cidade, que evocavam como primeira capital do **Iraque**. As histórias que eles evocam a propósito da cidade baseiam-se largamente na **Bíblia** ou nas tradições históricas iranianas, nomeadamente as ligadas aos reis **Nabucodonosor II** (Bukht Naş[ş]ar) e **Alexandre** (Iskandar). A cidade só é referida uma vez no Alcorão.

No **mundo medieval europeu**, a imagem da Babilônia é ainda mais enevoada, baseando-se apenas nos textos bíblicos e nas ilustrações dos manuscritos ela aparece como uma grande cidade onde a arquitetura segue os padrões da época do artista. Com a redescoberta de textos de

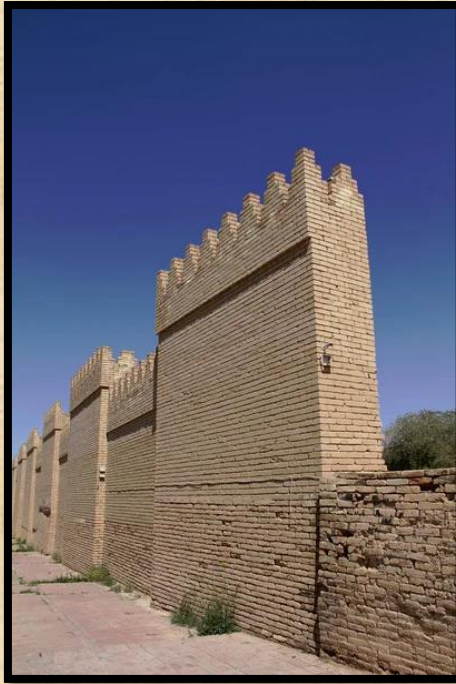
autores gregos e latinos a partir do século XV, as representações puderam passar a ser mais precisas, nomeadamente com a inclusão dos **Jardins Suspensos**. Estes eram considerados como uma das sete maravilhas do mundo e contribuíram para cimentar a imagem de fausto e de civilização associado aquela grande capital antiga. Mas são principalmente dois aspetos da cidade que interessam aos autores do mundo cristão: o mito da **Torre de Babel** e a sua utilização com como **símbolo do mal**.

Escavações e reconstruções

Os estudos dos sítios arqueológicos da **Mesopotâmia** antiga foram iniciados durante a primeira metade do século XIX e foram-se intensificando nas décadas que se seguiram. Os primeiros estudos focaram-se nos sítios **assírios**, cujas ruínas eram mais espetaculares. Apesar do sítio da **Babilônia** ter atraído rapidamente a atenção devido à celebridade do nome, só foi objeto de escavações no início do século XX. Seguiram-se outras campanhas durante a segunda metade do século XX, que aprofundaram os conhecimentos sobre o local, que no entanto continua por explorar na sua maior parte.

Primeiras investigações e escavações

Não obstante por vezes haver alguma confusão com os sítios vizinhos de **Birs Ninrude** (Borsipa) e **Acarcufe** (Dur-Curigalzu), onde as ruínas dos zigurates faziam lembrar a **Torre de Babel**, a localização da Babilônia nunca foi realmente perdida e até o topônimo usado localmente — **Bābil** — deriva do nome antigo da cidade. Vários viajantes europeus visitaram as suas ruínas, como **Benjamim de Tudela** (século XII), **Pietro Della Valle** (século XVII) e **Pierre Joseph de Beauchamp** (século XVIII).



Muralhas da Babilônia

(Fonte: https://st2.depositphotos.com/7531602/12421/i/600/depositphotos_124214924-stock-photo-walls-of-babylon.jpg)

O primeiro trabalho científico sobre as ruínas foi realizado pelo britânico **Claudius James Rich**, que no início do século XIX fez o primeiro levantamento **cartográfico** do local, que foi pioneiro na exploração científica da Mesopotâmia. Seguiram-se vários compatriotas seus, nomeadamente **Austen Henry Layard** em 1850 e **Henry Rawlinson** em 1854, dois dos principais descobridores de sítios das capitais assírias, que ali estiveram pouco tempo devido ao fato do sítio da Babilônia apresentar menos descobertas espetaculares do que os sítios do norte, o que explica que não tenha havido escavações nesse período. Em 1852, uma equipa de franceses escavou o local, sob a direção de **Fulgence Fresnel**, assistido por **Jules Oppert** e **Félix Thomas**.

As poucas descobertas que fizeram durante as escavações (sobretudo sepulturas), realizadas num contexto complicado, não puderam ser enviadas para França porque o comboio fluvial que transportava principalmente baixos-relevos foi atacado por tribos hostis no sul do Iraque e afundou-se em 1855. O sítio da antiga cidade foi regularmente escavado na segunda metade do século XIX por vários arqueólogos depois daqueles primeiros trabalhos. Em 1862, o cônsul francês **Pacifique Delaporte**

encontrou um **túmulo parto** com um rico espólio de objetos que foram enviados para o Museu do Louvre. Os locais, que até então recolhiam sobretudo tijolos, começaram também a recolher objetos antigos que encontravam para os venderem nos mercados vizinhos. Essa atividade decorreu em paralelo com as escavações organizadas por equipas britânicas, sob a direção de **Hormuzd Rassam** na década de 1870, que descobriu vários objetos, alguns deles selecionados para serem enviados para o Museu Britânico, nomeadamente o **Cilindro de Ciro**. As escavações britânicas pararam e recomeçaram várias vezes e estiveram envolvidas em polémicas devido a suspeitas de conluio entre os escavadores clandestinos e **Rassam**, até que os alemães se interessaram pelas ruínas da Babilônia em 1897.

Escavações alemãs



Escavações alemãs no tel do Kasr no início do século XX.

(Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/4/4e/Babylon_Zentralblatt_71_Abb_3.tif/lossy-page1-220px-Babylon_Zentralblatt_71_Abb_3.tif.jpg)

Em 1897, **Robert Johann Koldewey** foi a Babilônia e decidiu empreender as suas escavações numa escala sem precedentes. No ano seguinte, foi criada a **Deutsche Orient-Gesellschaft** (DOG, "Sociedade Oriental Alemã") para reunir os fundos necessários ao projeto, para o qual também contribuíram os museus prussianos que iriam receber os achados

feitos nas escavações. O projeto teve também o apoio do imperador **Guilherme II**, que era um entusiasta de antiguidades orientais.

Os trabalhos foram iniciados ainda em 1898 e prolongaram-se até 1917, uma duração excepcional para a época, tanto mais que as investigações só eram interrompidas uma vez por ano, ao contrário do que é usual acontecer atualmente. Devido à dimensão do sítio e aos objetivos das escavações (redescobertas científicas, desenterramento de peças e envio das mais importantes para Berlim), **Koldewey** e os seus assistentes, nomeadamente **Walter Andrae**, montaram um elaborado sistema logístico. Foram escavados vários locais em simultâneo — frequentemente três, por vezes cinco. O projeto tinha também como objetivo empreender escavações em outros sítios, o que foi feito em **Birs Nimrud** (Borsipa), **Fara** (Xurupaque) e depois em **Qala'at Shergat** (Assur), de que Andrae se ocupou de forma permanente entre 1903 e 1913.



Muros da Via Processional e da Porta de Istar reconstruídos no Museu de Pérgamo em Berlim.

(Fonte: <https://hav120151.files.wordpress.com/2015/11/porta-ishtar-museu-berlin.jpg>)

As escavações na **Babilônia** puseram a descoberto vários monumentos maiores e permitiram conhecer plantas e outros dados com qualidade até então inédita sobre a história da Mesopotâmia. O diretor das

escavações, arquiteto de formação, estava sobretudo interessado na reconstituição dos edifícios antigos, ao contrário de muitos dos outros arqueólogos que o precederam, que se focavam principalmente em achar objetos sem terem grandes preocupações em preservar os edifícios. O **tel do Kasr**, onde se situavam os palácios reais principais, foi o primeiro **tel** a ser explorado, antes do complexo de **Marduque** (situado nos teus Amran ibn Ali e Sahn). Aí funcionaram os principais estaleiros. Os palácios do **tel Babil** foram também explorados, bem como templos no **tel de Ishin Aswad**, a "**Via Processional**" e o bairro residencial de **Merkès**, a partir de 1907.

A partir de 1913, **Koldewey** publicou os resultados das descobertas na obra "**Das wiedererstehende Babylon**" ("A ressurreição da Babilônia"), que teve várias reedições até à sua morte em 1925, e que se tornou um clássico da arqueologia mesopotâmica. Os trabalhos dirigidos por Koldewey reuniram documentação impressionante pela sua quantidade e qualidade, comparativamente aos trabalhos arqueológicos da sua época, mas a dimensão do sítio faz com que apenas uma pequena parte dele seja conhecida, apesar dos principais edifícios terem sido explorados. Tal como estava previsto, muitos dos achados foram enviados para a Alemanha, nomeadamente os relevos vidrados da **Porta de Istar** e da **Via Processional**, que foram reconstruídos e estão em exposição no Museu de Pérgamo em Berlim. O ritmo das escavações abrandou em 1914, com o início da Primeira Guerra Mundial, durante a qual muitos alemães e locais envolvidos nas escavações foram recrutados. **Koldewey** continuou a trabalhar no local até 1917 com uma equipa limitada.

Escavações depois de 1945

As escavações na Babilônia só foram retomadas várias décadas depois da partida de Koldewey. Em 1962 e entre 1967 e 1973, equipas alemãs escavaram o setor do zigurate e de outros edifícios, nomeadamente um

complexo que pode ter sido o antigo templo da grande festa religiosa do **Akitu**.

A partir de 1974, trabalhou no sítio uma equipa italiana dirigida por **G. Bergamini**. O primeiro objetivo era efetuar estudos **topográficos** e estratigráficos para corrigir e completar as escavações da época de Koldewey. Estes estudos revelaram a elevação da cidade devido aos problemas hidrográficos do local. Foram também postos a descoberto alguns edifícios no setor de **Ishin Aswad**.

Em 1979 e 1980, uma equipa iraquiana escavou o templo de **Nabu ša harê**, onde foi encontrado um lote importante de tábuas de barro escritas. Os trabalhos dessa equipa foram interrompidos em 1990 devido à Guerra do Golfo.

Reconstruções e degradações



*Fotografia do templo de Ninmah restaurado.
(Fonte: <https://www.worldhistory.org/uploads/images/9261.jpg>)*

Durante as décadas de 1960 e 1970, as equipas arqueológicas iraquianas empreenderam a restauração de monumentos antigos no país, com objetivos turísticos, o que foi levado a cabo paralelamente com novas escavações. Um dos monumentos restaurados na Babilônia foi o **templo de Ninmah**. O sítio da Babilônia foi um dos que tiveram mais edifícios

reconstruídos, em grande parte devido a ter-se tornado um símbolo do Iraque, desde que o país foi fundado em 1932. O programa de reconstruções intensificou-se a partir de 1978, impulsionado por **Saddam Hussein**, que governou o Iraque entre 1979 e 2003. Um dos objetivos era ligar o ditador ao passado da **Mesopotâmia** para fins de propaganda, apresentando-o por vezes como sucessor de **Hamurábi**, de **Nabucodonosor II** e de alguns soberanos assírios. As questões políticas misturaram-se com os interesses turísticos e Babilônia passou a ser um local de manifestação do poder. Foram restaurados alguns monumentos, como uma parte da muralha e a **Porta de Istar**. Outros foram modificados, como o **Palácio Sul**, cuja sala do trono foi adaptada para poder ser usada para concertos, ou o teatro grego, que foi dotado de 2.500 lugares para espetáculos.

Em 2018, milhares de pessoas viviam dentro do perímetro das antigas muralhas exteriores da cidade e os regulamentos que restringem a construção nessas áreas nem sempre são respeitados. O uso de algumas áreas para pastagem de gado também representa riscos para a conservação dos vestígios arqueológicos.

Notas

- Este artigo foi inicialmente traduzido, total ou parcialmente, do artigo da Wikipédia em francês cujo título é «Babylone», especificamente desta versão.

Bibliografia

- André-Salvini, B. (2009), *Babylone*, ISBN 9782130609964, *Que sais-je ?* (em francês), Paris: Presses universitaires de France, consultado em 28 de dezembro de 2015
- Astour, M. (1986), «The name of the ninth Kassite ruler», *New Haven American Oriental Society, Journal of the American Oriental Society*, ISSN 0003-0279 (em inglês) (106), OCLC 1480509
- Baker, H. (2004), *The Archive of the Nappāḥu Family* (em inglês), Viena
- Battini, L. (1997), «Les systèmes défensifs à Babylone», *Fondation assyriologique Georges Dossin, Akkadica*, ISSN 1378-5087 (em francês) (104-105): 24-57
- Black, J.A.; Green, A.; Rickards, T. (1998), *Gods, Demons and Symbols of Ancient Mesopotamia, An Illustrated Dictionary* (em inglês), Londres: British Museum Press for the Trustees of the British Museum, consultado em 1 de janeiro de 2016

- Boadt, L.; Clifford, R.J.; Harrington, D.J. (2012), «Cap. 20 – The Exile near its end», *Reading the Old Testament: An Introduction*, ISBN 9781616436704 (em inglês), Paulist Press, consultado em 29 de dezembro de 2015
- Boiy, T. (2004), *Late Achaemenid and Hellenistic Babylon*, ISBN 9789042914490 (em inglês), Lovaina: Peeters Publishers, consultado em 30 de dezembro de 2015
- Bottéro, J.; Kramer, S.N. (1989), *Lorsque les dieux faisaient l'homme: mythologie mésopotamienne* (em francês), Gallimard, consultado em 31 de janeiro de 2016
- Briant, P. (1996), *Histoire de l'Empire perse, de Cyrus à Alexandre*, ISBN 9782213639468 (em francês), Paris: Fayard, consultado em 30 de dezembro de 2015
- Briant, P.; Joannès, F., eds. (2005), «La transition entre l'empire achéménide et les royaumes héliénistiques», ISBN 9782701802138, Paris: De Boccard, Persika (em francês), 9, consultado em 29 de dezembro de 2015
- Brisch, N. (2013), «Lugalirra and Meslamtaea (a pair of gods)», *Ancient Mesopotamian Gods and Goddesses* (em inglês), Oracc and the UK Higher Education Academy, consultado em 1 de janeiro de 2016, cópia arquivada em 14 de setembro de 2015
- Cancik-Kirschbaum, E.; van Ess, M.; Marzahn, J. (2011), *Babylon : Wissenskultur in Orient und Okzident*, ISBN 9783110222111, Berlin Studies of the Ancient World (em alemão), Berlim: Walter de Gruyter, consultado em 28 de dezembro de 2015
- Capdetrey, L. (2007), *Le pouvoir séleucide. Territoire, administration, finances d'un royaume hellénistique (312-129 av. J.-C.)*, ISBN 9782753505247 (em francês), Presses Universitaires de Rennes, consultado em 30 de dezembro de 2015
- Cavigneaux, A. (1981), *Textes scolaire du temple de Nabû ša Harê* (em francês), Ministério da Cultura e da Informação do Iraque
- Cavigneaux, A. (2000), «Nabû ša harê und die Kinder von Babylon», *Sarrebruck, Colloquien der Deutschen Orient-Gesellschaft* (em alemão), 2
- Charpin, D. (1985), «Un quartier de Babylone et ses habitants», *Bibliotheca Orientalis*, ISSN 0006-1913 (em francês) (42): 265-278
- Charpin, D. (2003), *Hammu-rabi de Babylone*, ISBN 9782130539636 (em francês), Paris: Presses universitaires de France, consultado em 28 de dezembro de 2015
- Charpin, D. (2008), *Lire et écrire à Babylone*, ISBN 9782130567400 (em francês), Paris: Presses Universitaires de France, consultado em 29 de janeiro de 2016
- Dalley, S. (1994), «Nineveh, Babylon and the Hanging Gardens», *Iraq* (em inglês), LVI: 45-58
- Finkel, I.J. (1993), «Les jardins suspendus de Babylone», in: Clayton, P. A.; Price, M. J., *Les Sept Merveilles du monde* (em francês), Paris
- Foster, B.R. (1993), «Epic of Tukulti-Ninurta», *Before the muses: an anthology of akkadian literature*, ISBN 9781883053239 (em inglês), CDL Press, consultado em 28 de dezembro de 2015
- Freu, J.; Klock-Fontanille, I.; Mazoyer, M. (2007), *Des origines à la fin de l'ancien royaume hittite: Les Hittites et leur histoire*, ISBN 9782296167155 (em francês), Paris: L'Harmattan, consultado em 28 de dezembro de 2015
- Gasche, H. (1998), Armstrong, J. A.; Cole, S. W., eds., *Dating the Fall of Babylon: A Reappraisal of Second-millennium Chronology*, ISBN 9781885923103 (em inglês), Peeters
- Gasche, H. (2010), «Les palais perses achéménides de Babylone», in: Perrot, Jean, *Le palais de Darius à Suse: une résidence royale sur la route de Persépolis à Babylone*, ISBN 9782840506812 (em francês), Paris: Presses de l'université Paris-Sorbonne, consultado em 26 de janeiro de 2016
- Geller, M.J. (1997), «The Last Wedge», W. de Gruyter, *Zeitschrift für Assyriologie*, ISSN 0084-5299 (em inglês) (87)

- George, A.R. (1992), *Babylonian Topographical Texts*, ISBN 9789068314106, *Orientalia Lovaniensia Analecta* (em inglês), Lovaina: Peeters Publishers. Leuven
 Departement Oriëntalistiek, consultado em 28 de dezembro de 2015
- George, A.R. (1993), «Babylon revisited: archaeology and philology in harness», *Antiquity* (em inglês), 67 (257): 734-746
- George, A.R. (1995), «The Bricks of E-Sagil», *Iraq* (em inglês), 57: 173-197
- George, A.R. (1997), «'Bond of the Lands': Babylon, the Cosmic Capital», in: Wilhelm, Gernot, *Die orientalische Stadt: Kontinuität, Wandel, Bruch*; 9.-10. Mai 1996 in Halle Saale, ISBN 9783930843244, *Internationales Colloquium der Deutschen Orient-Gesellschaft*, Deutsche Orient-Gesellschaft (em inglês), 1, Saarbrücken: SDV in Komm, pp. 125-145
- George, A.R. (2005-2006), «The Tower of Babel: archaeology, history and cuneiform texts» (PDF), *Archiv für Orientforschung* (em inglês), 51: 75-95, consultado em 5 de fevereiro de 2016
- Glassner, J.J. (1993), *Chroniques mésopotamiennes*, ISBN 9782251339184 (em francês) 2^a ed. , Paris: Les Belles Lettres, consultado em 31 de janeiro de 2016
- Glassner, J.J. (2002), «L'Etemenanki, armature du cosmos», *NABU* (em francês) (32)
- Glassner, J.J. (2003), *La tour de Babylone. Que reste-t-il de la Mésopotamie ?*, ISBN 9782020385084 (em francês), Paris: Seuil
- Horowitz, W. (1988), «The Babylonian Map of the World», *Iraq* (em inglês), 50: 147-165
- Huot, J.L. (2004), *Une archéologie des peuples du Proche-Orient, tome II, Des hommes des Palais aux sujets des premiers empires (II^e-I^{er} millénaire av. J-C)* (em francês), Paris: Errances
- Joannès, F. (2000), *La Mésopotamie au I^{er} millénaire avant J.-C.* (em francês), Paris
- Joannès, F., ed. (2001), *Dictionnaire de la civilisation mésopotamienne*, ISBN 9782702866573, Bouquins (em francês), Paris: Robert Laffont
- Joutard, P. (setembro de 2005), «L'empire du Mal», *L'Histoire* (em francês) (301)
- Kennedy, D. (1968), *Late Babylonian Economic Texts* (em inglês), Londres
- Klengel, H. (1983), *Altbabylonische Texte aus Babylon* (em alemão), Berlin: Akademie-Verlag
- Klock-Fontanille, I.; Bietlot, S.; Meshoub, K. (2010), *Identité et altérité culturelles : le cas des Hittites dans le Proche-Orient ancien* (em francês), Bruxelas: Editions Safran
- Kramer, S.N. (1983), Bottéro, Jean, ed., *Le mariage sacré à Sumer et à Babylone*, ISBN 9782900269299 (em francês), Berg International
- Kuhrt, A. (2002), «Babylon», in: Bakker, Egbert J.; Van Wees, Hans; de Jong, Irene J. F., *Brill's Companion to Herodotus*, ISBN 9789004169661 (em inglês), Koninklijke Brill
- Lackenbacher, S. (1990), *Le palais sans rival, Le récit de construction en Assyrie*, ISBN 9782707155245 (em francês), Paris: La Decouverte, consultado em 29 de dezembro de 2015
- Leick, G., ed. (2007), *The Babylonian World*, ISBN 9781134261284 (em inglês), Londres e Nova Iorque: Routledge, consultado em 28 de dezembro de 2015
- Linssen, M.J.H. (2004), *The Cults of Uruk and Babylon: The Temple Ritual Texts As Evidence for Hellenistic Cult Practises*, ISBN 9789004124028 (em inglês), Leida: Brill, consultado em 30 de dezembro de 2015
- Margueron, J.C. (2000), «Babylone, la première mégapole ?», in: Nicolet, Claude, *Mégapoles méditerranéennes*, ISBN 9782706813771, *L'Atelier méditerranéen* (em francês), Paris: Maisonneuve et Larose, p. 452-481, consultado em 28 de dezembro de 2015

- Margueron, J.C. (2001), «Aux origines du plan de Babylone», in: Breniquet, Catherine; Kepinski-Lecomte, Christine, *Études mésopotamiennes, Recueil de textes offerts à Jean-Louis Huot*, ISBN 9782865382804 (em francês), Paris: Editions Recherche sur les civilisations, consultado em 28 de dezembro de 2015
- Marzahn, J. (1993), *La Porte D'Ishtar de Babylone*, ISBN 9783805314282 (em francês), Staatliche Museen zu Berlin, Musée du Proche-Orient
- McCullough, W.S. (1964), *The Seed of Wisdom* (em inglês), Toronto
- Reade, J. (2000), Ebeling, E.; Meissner, B.; Edzard, D. O., eds., «Ninive (Nineveh)», *Walter de Gruyter, Reallexikon der Assyriologie*, 9 (5-6)
- Reade, J. (2000), «Alexander the Great and the Hanging Gardens of Babylon», *Iraq* (em inglês) (62): 195-217
- Renger, J., ed. (1999), *Babylon: Focus mesopotamischer Geschichte, Wiege früher Gelehrsamkeit, Mythos in der Moderne*; 24. - 26. März 1998 in Berlin, ISBN 9783447055499 (em alemão), Sarrebruck: Isd
- Ricolleau, M. (2008), *Babel : le récit biblique* (em francês), Bruxelas
- Rollinger, R., (1993), *Herodots babylonischer Logos* (em alemão), Innsbrück: Inst. für Sprachwiss. d. Univ., consultado em 1 de fevereiro de 2016
- Sachs, A.J. (1976), «The Latest Datable Cuneiform Tablets», in: Eicher, B.L., *Kramer Anniversary Volume: Cuneiform Studies in Honor of Samuel Noah Kramer* (em inglês), Neukirchener Verlag
- Schmid, H. (1995), «Der Tempelturm Etemenanki in Babylon», ISBN 9783805316101, Mainz: P. von Zabern, *Baghdader Forschungen*, ISSN 0939-0022 (em alemão), 17
- Van de Mieroop, M. (2003), «Reading Babylon», *American Journal of Archaeology* (em inglês) (107/2): 257-275
- Van de Mieroop, M. (2004), *King Hammurabi of Babylon: A Biography*, ISBN 9780470695340 (em inglês), Malden, consultado em 28 de dezembro de 2015
- Van der Spek, R.J. (2008), «Berossus as a Babylonian Chronicler and Greek Historian», in: Van der Spek, R. J.; Stol, Marten; Haayer, G., *Studies in Ancient Near Eastern World View and Society: Presented to Marten Stol on the Occasion of His 65th Birthday*, 10 November 2005, and His Retirement from the Vrije Universiteit Amsterdam, ISBN 9781934309186 (em inglês), Bethesda: CDL Press, pp. 277-318, consultado em 26 de janeiro de 2016
- Van Soldt, W.H.; Dercksen, Jan Gerrit, eds. (2001), *Veenhof Anniversary Volume. Studies presented to Klaas R. Veenhof on the occasion of his sixty-fifth birthday*, ISBN 9789062580910 (em inglês), Leida: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, consultado em 30 de dezembro de 2015
- Vicari, J. (2000), *La Tour de Babel*, ISBN 9782130507017, Paris: Presses universitaires de France, ISSN 0768-0066, *Que sais-je ?* (em francês), 3555, consultado em 28 de janeiro de 2016
- Weidner, E.F. (1939), «Jojachin, Koenig von Juda, in babylonischen Keilschrifttexten», *Mélanges Syriens offerts a M. René Dussaud* (em alemão), Paris: Académie des inscriptions & belles-lettres, P. Geuthner
- Wiesehöfer, J. (1998), *Das Partherreich und seine Zeugnisse*, ISBN 9783515073318, Franz Steiner Verlag, consultado em 13 de janeiro de 2016
- Wiseman, D.J. (1985), *Nebuchadrezzar and Babylon: The Schweich Lectures of The British Academy 1983*, ISBN 9780197261002 (em inglês), Oxford University Press, British Academy, consultado em 29 de dezembro de 2015
- Wiseman, D.J. (1985), *Nebuchadrezzar and Babylon*, ISBN 9780197261002 (em inglês), Oxford, Nova Iorque e Toronto: Oxford University Press, consultado em 28 de dezembro de 2015